



# Testemunho de Fé

25 de abril de 2025 - Edição n° 1425



*Franciscus*

17 | 12 | 1936

21 | 04 | 2025



## 'Caros irmãos e irmãs, boa Páscoa para todos'

As últimas palavras do Papa Francisco em público foram para desejar uma boa Páscoa, pronunciadas durante a mensagem "Urbi et Orbi" ("Para a cidade de Roma e para o mundo"), no Domingo de Páscoa, dia 20 de abril.

Do balcão central da Basílica Vaticana, o Pontífice acenou para os milhares de fiéis na Praça São Pedro e disse: "Caros irmãos e irmãs, boa Páscoa para todos".

Ele estava acompanhado pelo cardeal-protodiácono, Dominique Mamberti, e pelo presidente da Pontifícia Comissão para o Estado da Cidade do Vaticano e do Governo da Cidade do Vaticano, Cardeal Fernando Vérgez Alzaga.

Na mensagem "Urbi et Orbi", do Papa Francisco, por ocasião da celebração pascal, lida por monsenhor Diego Ravelli, mestre das Celebrações Litúrgicas Pontifícias, o Pontífice lança um apelo aos responsáveis políticos para que não cedam à lógica do medo, mas usem os recursos disponíveis para ajudar os necessitados, combater a fome e promover iniciativas que favoreçam o desenvolvimento.

Do sepulcro vazio de Jerusalém, escreve o Pontífice, chega até nós um anúncio sem precedentes: o amor venceu o ódio. A luz venceu as trevas. A verdade venceu a mentira. O perdão venceu a vingança. Isso não significa que o mal não desapareceu da história, mas já não lhe pertence o domínio.

"Cristo ressuscitou! Neste anúncio encerra-se todo o sentido da nossa existência, que não foi feita para a morte, mas para a vida. A Páscoa é a festa da

vida! Deus criou-nos para a vida e quer que a Humanidade ressurja! Aos seus olhos, todas as vidas são preciosas! Tanto a da criança no ventre da mãe, como a do idoso ou a do doente, considerados como pessoas a descartar num número cada vez maior de países."

Este anúncio de esperança ressoa hoje ainda mais forte enquanto vemos todos os dias os inúmeros conflitos que ocorrem em diferentes partes do mundo. "Quanta violência vemos com frequência também nas famílias, dirigida contra as mulheres ou as crianças! Quanto desprezo se sente por vezes em relação aos mais fracos, marginalizados e migrantes!", escreve com pesar Francisco, que formula os seus votos:

"Neste dia, gostaria que voltássemos a ter esperança e confiança nos outros" e "a ter esperança de que a paz é possível!" O Santo Padre, então, elenca os vários países e regiões em conflito, a partir da Terra Santa, onde este ano católicos e ortodoxos celebram a Páscoa juntos, manifestando preocupação com o crescente clima de antissemitismo e definindo como "dramática e ignóbil" a situação humanitária em Gaza.

### AS "ARMAS" DA PAZ

O Papa estende seus votos de paz a todo o Oriente Médio, de modo especial ao Líbano, à Síria e ao Iêmen. Paz também para o sul do Cáucaso e aos povos africanos vítimas de violências, especialmente a República Democrática do Congo, o Sudão, o Sudão do Sul, o Chifre da África e a Região dos Grandes



Na sacada da Basílica de São Pedro, Papa Francisco desejou boa Páscoa aos fiéis no domingo de Páscoa

Lagos. Na Ásia, o pensamento de Francisco vai a Mianmar, que além do conflito armado sofre com as consequências do terremoto.

"Não é possível haver paz sem um verdadeiro desarmamento! A necessidade de cada povo sente de garantir a sua própria defesa não pode transformar-se numa corrida generalizada ao armamento", acrescenta o Pontífice, que renova o pedido para que os recursos disponíveis sejam utilizados para ajudar os necessitados, combater a fome e promover iniciativas que favoreçam o desenvolvimento. "Estas são as 'armas' da paz: aquelas que constroem o futuro, em vez de espalhar morte!", diz ainda o Papa, apelando que não se ceda à lógica do medo.

"Que o princípio da humanidade nunca deixe de ser o eixo do nosso agir cotidiano. Perante a crueldade dos conflitos que atingem civis indefesos, atacam escolas e hospitais e agentes humanitários, não podemos esquecer que não são atingidos alvos, mas pessoas com alma e dignidade." Por fim, os votos de que neste ano jubilar a Páscoa seja uma ocasião para libertar os prisioneiros de guerra e os presos políticos.

"Queridos irmãos e irmãs, na Páscoa do Senhor, a morte e a vida enfrentaram-se num admirável combate, mas agora o Senhor vive para sempre. Feliz Páscoa para todos!"

BIANCA FRACCALVIERI - VATICAN NEWS

## As últimas horas serenas e o 'obrigado' por voltar à praça



Papa surpreende fiéis com aparição pública na Praça de São Pedro

"Obrigado por me trazer de volta à praça." Entre as últimas palavras do Papa Francisco está a de agradecimento a quem, durante esse período de doença e muito antes, cuidou dele: Massimiliano Strappetti, o enfermeiro que - como ele disse uma vez - salvou

sua vida ao sugerir que ele se submetesse a uma cirurgia de cólon, e que o Pontífice, então, nomeou seu assistente pessoal de saúde, em 2022.

Ao seu lado durante todos os 38 dias de internação no Hospital Gemelli e 24 horas por dia durante sua convalescença na Casa Santa Marta, Stra-

ppetti esteve com o Papa no Domingo de Páscoa, durante a Urbi et Orbi. No dia anterior, eles foram à Basílica de São Pedro para rever o "percurso" a ser feito no dia seguinte, quando Francisco apareceria do balcão central da Basílica de São Pedro.

### O ABRAÇO À MULTIDÃO

que eu consigo?", perguntou ele a Strappetti, que o tranquilizou. Daí o abraço à multidão e, em especial, às crianças: o primeiro giro após sua alta do Hospital Gemelli e o último de sua vida.

Cansado, mas feliz, o Papa agradeceu ao seu assistente pessoal de saúde: "Obrigado por me trazer de volta à Praça". Palavras que revelam a necessidade do Pontífice argentino — que fez do contato humano direto a marca registrada de seu pontificado — de retornar ao meio do povo.

### AS ÚLTIMAS HORAS

Francisco descansou durante a tarde e jantou tranquilamente. Por volta das 5h30 da manhã, surgiram os primeiros sinais de indisposição, com a ação imediata de quem o acompanhava. Mais de uma hora

depois, depois de ter acenado a Strappetti, deitado na cama de seu apartamento no segundo andar da Casa Santa Marta, o Pontífice entrou em coma. Não sofreu. Foi tudo muito rápido, conta quem esteve ao seu lado nos últimos momentos.

Uma morte discreta, quase repentina, sem longas esperas e sem muito alarde para um Papa que sempre manteve suas condições de saúde em segredo. Uma morte que ocorreu no dia depois da Páscoa, no dia depois de ter abençoado a cidade de Roma e o mundo, no dia depois de ter novamente, depois de muito tempo, abraçado o povo. Aquele a quem, desde os primeiros momentos de sua eleição, em 13 de março de 2013, tinha prometido um caminho "juntos".

SALVATORE CERNUZIO - VATICAN NEWS



# O mundo se despede do Papa Francisco

Na manhã de 21 de abril de 2025, o mundo se despede do Papa Francisco, um líder espiritual que marcou sua época com humildade e sensibilidade diante de um mundo dividido. Desde sua eleição em 2013, Jorge Mario Bergoglio encantou fiéis e não fiéis com sua mensagem de misericórdia, justiça social e amor ao próximo. Seu papado foi caracterizado por uma proximidade singular com os mais pobres, uma visão renovada sobre o papel da Igreja e reformas que buscaram tornar a instituição mais transparente e inclusiva.

Uma das primeiras grandes paradas de seu pontificado foi no Brasil, durante a Jornada Mundial da Juventude de 2013, aqui no Rio de Janeiro, quando tivemos a graça de recebê-lo por uma semana. Com um sorriso acolhedor e palavras cheias de esperança, Francisco conquistou os corações dos jovens, incentivando-os a serem “protagonistas da mudança” e

a levarem o Evangelho a todos os cantos do mundo. Sua simplicidade e carisma marcaram essa visita histórica, deixando um legado inesquecível.

Durante seu pontificado, Francisco publicou quatro encíclicas que sintetizam seu pensamento e sua missão:

1. **“Lumen Fidei” (2013)** – “A Luz da Fé” foi uma encíclica iniciada por Bento XVI e finalizada por Francisco, ressaltando a importância da fé como guia para a vida cristã. Nela, Francisco sublinha que a fé não é apenas um sentimento, mas um compromisso concreto que transforma a vida do crente e o impele ao testemunho e à caridade.
2. **“Laudato Si” (2015)** – “Louvado Seja” trouxe uma visão inovadora sobre a ecologia integral, destacando a responsabilidade dos seres humanos na preservação do meio ambiente. Nesta encíclica, Francisco faz uma forte crítica ao consumismo

desenfreado e à degradação ambiental, chamando a Humanidade a uma conversão ecológica. O Papa denuncia o impacto das mudanças climáticas sobre os mais pobres e incentiva governos e indivíduos a adotarem práticas sustentáveis e justas.

3. **“Fratelli Tutti” (2020)** – “Todos Irmãos” enfatizou a fraternidade e a amizade social, promovendo o diálogo e a paz entre os povos. Inspirado no espírito de São Francisco de Assis, o Papa propõe um mundo onde as barreiras da indiferença sejam derrubadas, a solidariedade prevaleça e a política seja guiada pelo bem comum, não por interesses pessoais ou econômicos. A encíclica também condena o racismo, o populismo exacerbado e o individualismo que fragmenta as sociedades.
4. **“Dilexit Nos” (2024)** – “Ele nos amou” destacou a centralidade do Coração de

Jesus como fonte de amor e missão para a Igreja e o mundo. Francisco convida os fiéis a redescobrirem a ternura da fé e o fervor missionário, enfatizando que o amor divino deve se traduzir em ações concretas de compaixão e justiça social. A encíclica reforça o papel da Igreja como uma instituição que acolhe, escuta e serve.

Além dessas contribuições teológicas, o Papa Francisco promoveu mudanças profundas na estrutura da Igreja. Entre suas principais reformas estão:

- **Reforma da Cúria Romana** – Tornou a estrutura administrativa do Vaticano mais eficiente e acessível, promovendo uma descentralização e incentivando uma maior participação das conferências episcopais na tomada de decisões.
- **Transparência financeira** – Implementou medidas rigorosas para combater a corrupção no Vaticano, reformando o Banco do Vaticano e estabelecendo novos mecanismos de controle financeiro. Essas ações fortaleceram a credibilidade da Igreja diante da sociedade.
- **Foco na evangelização** – Criou um dicastério dedicado à evangelização, reforçando a missão central da Igreja de levar o Evangelho ao mundo. Com isso, impulsionou a atuação missionária e enfatizou a necessidade de uma Igreja que sai ao encontro das periferias existenciais.
- **Inclusão de mulheres em cargos de liderança** – Nomeou mulheres para posições de alta relevância dentro da Cúria, como o caso da irmã Simona Brambilla, tornando-se a primeira mulher a liderar um organismo vaticano de grande importância.
- **Atualizações no Direito Canônico** – Realizou

modificações no Código de Direito Canônico para tornar a disciplina da Igreja mais justa e coerente com os desafios contemporâneos. Suas reformas buscaram equilibrar a tradição com a necessidade de respostas mais pastorais e humanas.

- **6. Simplificação dos rituais funerários papais** – Em 2024, Francisco aprovou um novo protocolo para os funerais papais, eliminando elementos considerados excessivamente pomposos, como o uso de três caixões. Sua intenção era reforçar a ideia de uma Igreja despojada, focada na essência da fé e não em formalismos.

Agora, com sua partida, o Papa Francisco deixa saudades e lembranças inesquecíveis. Seu sorriso, sua coragem para enfrentar desafios e sua capacidade de unir corações permanecerão vivos na memória de milhões de pessoas. Ele foi um Papa que abraçou os marginalizados, que denunciou injustiças, que promoveu o diálogo inter-religioso e que desafiou o mundo a ser mais humano e solidário.

O mundo se despede de um Papa que, com gestos e palavras, trouxe esperança e amor a uma Humanidade tantas vezes dividida. Seu legado transcende seu tempo e continuará a iluminar gerações futuras, inspirando a todos a viverem com fé, compaixão e compromisso com o bem comum. Seu pontificado não foi apenas um período na história da Igreja, mas um testemunho de que a fé pode transformar o mundo quando é vivida com autenticidade e serviço. Descanse em paz!

ORANI JOÃO, CARDEAL TEMPESTA, O. CIST.  
ARCEBISPO METROPOLITANO DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, RJ



GUSTAVO DE OLIVEIRA

Cardeal Tempesta e Papa Francisco, na chegada ao Rio de Janeiro, em 2013

## ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

Rua Benjamin Constant, 23 - Glória - 20241-150 - Rio de Janeiro - RJ  
- Tel.: (21) 2292-3132

Arcebispo Metropolitano: Cardeal Orani João Tempesta, O.Cist.

Vigário Episcopal para a Comunicação Social: Cónego Omar Raposo

Diretor de Jornalismo da Arquidiocese do Rio: Carlos Moioli - MTE: 0038788/RJ

## FUNDAÇÃO CULTURAL, EDUCACIONAL E DE RADIODIFUSÃO CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

Rua Benjamin Constant, 23 - 8º andar - Glória - 20241-150 - Rio de

Janeiro - RJ - Tel.: (21) 3231-3560 - Fax: 3231-3566

Diretor Geral: Padre Omar Raposo ▪ Diretor Administrativo/Financeiro: Padre Ronaldo Pereira da Silva ▪ Diretora Jurídica: Doutora Claudine Milione Dutra ▪ Diretor Adjunto: Diácono Claudino Affonso Esteves Filho

TESTEMUNHO DE FÉ: Tel.: (21) 3231-3568 / 3231-3569

Banca Digital: <https://digital.maven.com.br/pub/otestemunhodefe/>  
▪ Mídias sociais: facebook.com/jornaltf / @testemunhodefe\_ / otestemunhodefe.blogspot.com.br

Redação e Jornalismo: [jornalismo@arquidiocese.org.br](mailto:jornalismo@arquidiocese.org.br) ▪ Jornalista Responsável: Carlos Moioli ▪ Revisor: Carlos Gustavo

Trindade ▪ Diagramadora: Elizabeth Eiras ▪ Repórter Fotográfico: Gustavo de Oliveira

Atendimento de Publicidade: ▪ Deniere Freitas Fonseca - Tel.: (21) 3231-3582 - 99435-2837 - e-mail: [deniere@radiocatedral.com.br](mailto:deniere@radiocatedral.com.br)

Segundo as normas internacionais sobre a propriedade intelectual e direitos autorais, recordamos aos leitores que todo o conteúdo do jornal “Testemunho de Fé” pode ser reproduzido, parcial ou totalmente, desde que seja citada a fonte. Informes publicitários e anúncios são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não cabendo ao jornal responsabilidade sobre os mesmos.



“**N**este Ano Santo Jubilar, desejado pelo Papa Francisco como uma ‘peregrinação de esperança’, seguimos firmes, tendo-o como intercessor no céu. Continuamos sua missão de anunciar Jesus Cristo, nossa esperança, com fé e compromisso. Ele gastou sua vida servindo ao Reino de Deus, e sua partida nos impulsiona a viver com mais profundidade os valores do Evangelho que tanto anunciou e defendeu com a sua vida.

**U**nidos como Igreja, peregrinos de esperança, agradecemos pela vida e missão do Papa Francisco, e que ele repouse em paz. Confiamos que ele, agora na bem-aventurança eterna, reza por nós, pelo Rio de Janeiro, pela paz no mundo e pela continuidade de uma Igreja viva, misericordiosa e missionária.”

Cardeal Tempesta – 21/4/2025

SERVIÇO FOTOGRAFICO DO VATICANO





# Cardeal Tempesta: 'Agradecemos a Deus pela vida e missão do Papa Francisco'

(Homilia do Cardeal Orani João Tempesta na missa em sufrágio à alma do Papa Francisco, na Catedral de São Sebastião, no dia 21 de abril de 2025)

Caríssimos irmãos e irmãs, o Papa Francisco voltou para a casa do Pai às 2h35 (horário de Brasília) desta segunda-feira da Oitava de Páscoa, 21 de abril, aos 88 anos, após sofrer derrame cerebral, coma e parada cardiorrespiratória irreversível, em seu apartamento na Casa Santa Marta.

Ele esteve no meio de nós em 2013, nesta mesma Catedral de São Sebastião, no Rio de Janeiro, completamente lotada, inclusive de argentinos, para a Jornada Mundial da Juventude, em sua primeira viagem apostólica internacional, que também reuniu, na Missa de Envio, mais de 3,7 milhões de jovens na Praia de Copacabana.

No Domingo de Páscoa, às vésperas de sua morte, na última aparição pública, por ocasião da leitura de sua mensagem "Urbi et orbi" ("Para a cidade de Roma e para o mundo"), o Santo Padre ao desejar uma "Boa Páscoa" aos fiéis, deixou uma bênção no mesmo lugar, na varanda da basílica vaticana, onde foi apresentado como Pontífice.

Para a surpresa dos fiéis, após a bênção de Páscoa, o Papa deu um giro em carro aberto na Praça de São Pedro, lugar emblemático de sua trajetória e símbolo de sua proximidade com o povo. É a mesma praça que durante a pandemia da Covid-19 atravessou sozinho, e mesmo estando vazia, ele abraçou o mundo inteiro.

Nesta celebração, rezamos em sufrágio de sua alma, unidos com toda a Igreja presente no mundo inteiro, e também por aqueles que, de certa forma, foram atingidos pelo seu ministério petrino. Cremos na vida que não termina com a morte, e ao celebrarmos a ressurreição de Cristo, temos a certeza da bem-aventurança eterna junto de Deus.

A vida do Papa Francisco foi gasta a serviço do Evangelho mesmo no sofrimento, quando a saúde lhe impôs limites. Ele concluiu sua caminhada nesse mundo, e agora, que seus olhos abriram para a eternidade, nós agradecemos a Deus pela sua vida e missão. Ao mesmo tempo em que pedimos a Deus que o acolha em Sua glória, também pedimos que o Papa reze por todos nós enquanto Igreja, para que possamos continuar nossa missão.

A Igreja continua a celebrar a ressurreição de Cristo na oitava de Páscoa e depois com 50 dias do tempo pascal. O grande anúncio, como diz São Pedro (At 2,14-32), é que somos testemunhas



Dom Orani durante a missa pelo sufrágio da alma do Papa Francisco

de que Deus está vivo no meio de nós. É o anúncio que a Igreja fez e faz em todas as épocas, e justamente foi a grande missão do Papa Francisco, que representa Pedro, de confirmar os irmãos na fé, de ser um sinal de quem busca e tem Cristo como o centro da vida.

O início do pontificado do Papa Francisco, em 2013, foi marcado pelo anúncio do Evangelho da alegria, o Cristo vivo e ressuscitado. Ele nunca teve dificuldade em conversar com outras religiões, culturas e demais cristãos. Ao promover o diálogo ecumênico e inter-religioso, estendeu pontes, sempre centrado na figura de Jesus Cristo. No documento "Christus Vivit", dedicou capítulos inteiros à paixão, morte e ressurreição de Cristo, reafirmando a centralidade do querigma na missão da Igreja.

Em sintonia com o Papa na sua visão social de promover a fraternidade universal, de acordo com a "Fratelli Tutti", de sempre ter o olhar voltado aos pobres e marginalizados, de promover a cultura do encontro em oposição à cultura do descarte, inauguramos no domingo de Páscoa, na Catedral, o Centro Social São Sebastião, e também oferecemos almoço para mais de três mil pessoas, na perspectiva de dar dignidade e esperança aos nossos irmãos moradores em situação de rua.

Coerente com a missão que recebeu como sucessor de Pedro, o Papa sempre esteve atento às necessidades do mundo. Nas visitas apostólicas, encontros com autoridades, discursos e mensagens, não cansou de clamar por paz, afirmando que o mundo vive uma guerra em pedaços e

que ela sempre é uma derrota.

Ao mesmo tempo, buscou uma maior transparência no interno da Igreja, promovendo a reforma da Cúria romana, com a preocupação de uma Igreja santa, acolhedora e de testemunho. Agora, sua voz continua por meio de tudo o que ele falou, escreveu, promoveu ou deixou como legado, chamando a atenção da Humanidade para os aspectos pelos quais viveu, lutou, entregou e gastou a sua própria vida.

Durante o tempo que o Papa esteve entre nós, na Jornada Mundial da Juventude, observou-se uma trégua na violência urbana e uma atmosfera de paz e respeito que tomou conta no Rio de Janeiro. Não houve tanta violência na cidade e até os assaltos diminuíram. O motorista, na chegada à cidade, errou o caminho e eles caíram em meio a um trânsito pesado, mas não aconteceu nada, pelo contrário, o Papa foi saudado e acolhido pelo povo. Estávamos vivendo uma época de manifestações e contestações, mesmo assim, foi uma semana bem-aventurada.

Tive a alegria de sentar à mesa com o Papa no café da manhã, no almoço ou no jantar, junto com ele também no Papamóvel e no helicóptero que nos transportava aqui e acolá. De coração aberto, partilhava suas preocupações em manter a proximidade com o povo, e que o povo tivesse confiança na Igreja. Era desejo de seu coração de uma "Igreja em saída" e que os pastores tivessem o cheiro das ovelhas.

O Papa se mostrou próximo ao povo, visitou comunidades, conversou com os necessitados, e deixou sua marca

de humildade e ternura. Nos encontros em Roma, ele sempre recordava de sua bela experiência do Rio de Janeiro e mandava uma bênção especial. O povo da Cidade Maravilhosa ficou marcado no seu coração. Agora, na eternidade, pedimos que o Papa Francisco leve o nosso coração e a nossa cidade no seu coração, e continue pedindo a Deus, Pai de todas as misericórdias, por todos nós e por esta cidade que ele conheceu muito bem, para que ela possa ter justiça, paz e fraternidade. Uma cidade onde as pessoas possam conviver em paz umas com as outras, que sejam respeitadas, vivam com dignidade, e que continue no mesmo clima que ele trouxe durante a Jornada Mundial da Juventude.

Nesta semana, o corpo do Papa será exposto na Basílica de São Pedro para veneração pública, e será sepultado, como pediu, na Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, junto ao ícone mariano "Salus Populi Romani", onde tantas vezes rezou antes e depois de suas viagens apostólicas.

O tempo de "Sede vacante" traz à Igreja o chamado à oração e à confiança na condução do Espírito Santo. Jesus prometeu a Pedro: "Eu rezei por ti para que tua fé não desfaleça". Muitos Pontífices passaram, mas a fé da Igreja permanece viva. Os cardeais brasileiros, incluindo o arcebispo do Rio de Janeiro, estarão em Roma para participar do velório e do conclave que elegerá o sucessor de Pedro. A Igreja segue em oração por ele e pela eleição do novo Pontífice.

Neste Ano Santo Jubilar, desejado pelo Papa Francisco como uma "peregrinação de esperança", seguimos firmes, tendo-o como intercessor no céu. Continuamos sua missão de anunciar Jesus Cristo, nossa esperança, com fé e compromisso. Ele gastou sua vida servindo ao Reino de Deus, e sua partida nos impulsiona a viver com mais profundidade os valores do Evangelho que tanto anunciou e defendeu com a sua vida.

Unidos como Igreja, peregrinos de esperança, agradecemos pela vida e missão do Papa Francisco, e que ele repouse em paz. Confiamos que ele, agora na bem-aventurança eterna, reza por nós, pelo Rio de Janeiro, pela paz no mundo e pela continuidade de uma Igreja viva, misericordiosa e missionária.



# “Vejo essa senhora com flores amarelas...” Papa Francisco: sacramento do “Deus que vê”

VATICAN NEWS

**P**enso que todos nós nos recordamos com bastante emoção da cena que se deu no dia 23 de março, quando o Santo Padre, ainda internado no Hospital Gemelli, viu uma senhora, Carmela Vittoria Mancuso, de 78 anos, que portava em suas mãos um buquê de flores amarelas. Olhando-a diretamente, o Papa Francisco disse: “Vejo essa senhora com as flores amarelas! É brava! (É uma boa pessoa!)”

Mesmo com dificuldade para respirar, recuperando-se de uma enfermidade tão grave e duradoura, o Santo Padre notou uma pessoa específica no meio da multidão. E não apenas notou essa senhora, mas disse algo muito particular: É brava! (É uma boa pessoa!). De fato, o Papa Francisco foi um sacramento do “Deus que vê”.

A consciência de que Deus “vê” todas as coisas é muito forte no Antigo Testamento. Poderíamos evocar várias passagens, mas me detenho em duas. A primeira está em Gn 16: a saga de Agar. Sarai, mulher de Abrão, era considerada estéril e buscou uma solução: dar sua escrava como mulher a Abrão para que esta lhe gerasse descendência. Contudo, depois que Agar ficou grávida, sua sorte mudou. Sentindo-se tratada com desprezo, Sarai acabou por maltratar tanto sua escrava que esta resolveu fugir. No meio do deserto, veio ao seu encontro o “anjo do Senhor”, que lhe aconselhou e prometeu multiplicar grandemente sua descendência. Ao Senhor, que lhe aparecera, Agar chamou “El Roi”, o “Deus que vê” ou “Deus da visão”, e afirmou: “Vejo eu ainda aqui, depois daquele que me vê?” (Gn 16,13).

O segundo episódio está em Ex 3,7. Deus aparece a Moisés e, do meio da sarça, afirma: “Ver eu vi a miséria do meu povo que está no Egito.” Ver eu vi (sic) é o que diz o texto. O uso do infinitivo acompanhado do verbo conjugado é uma forma de dar ênfase à ação. Deus “realmente viu” a miséria do seu povo. Na continuação do texto, Ele afirma que “ouviu seu clamor” e, por isso, “desceu a fim de libertá-lo” das mãos dos egípcios.

Esses dois episódios nos colocam diante do mistério e da beleza do “Deus que vê” a situação de grande aflição na qual se encontra tanto uma pessoa em particular, Agar, quanto o povo em seu conjunto. Nada escapa ao olhar divino: nem as misérias da coletividade, nem as aflições que cada pessoa padece.

Também no Novo Testamento, Jesus aparece como “aquele que vê”. Em Mateus 4,18, o evangelista afirma que Jesus, ao passar pelo Mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão e André. Eram pescadores, e Ele os chamou para segui-lo. Ainda no mesmo evangelho, em Mt 8,14, afirma-se que Jesus “viu a sogra de Pedro”, que estava enferma, e lhe devolveu a saúde. Marcos 2,5 diz que Jesus “viu” a fé do paralítico. Um pouco mais adiante, em Mc 5,32, depois de ser tocado e sentir que uma força saíra d’Ele, Jesus olha em volta para “ver” quem o havia tocado. Em Lucas 19, Zaquie sobe numa árvore para “ver” Jesus, mas é o Mestre quem “levanta os olhos” e, vendo-o, convida-o a descer depressa para que Ele possa tomar refeição em sua casa. Em João 8,1-11 não aparece o verbo “ver”, mas podemos imaginar o encontro de olhares entre o Senhor e a mulher que, n’Ele, reencontrou sua

dignidade roubada. Por fim, como não nos comover diante do Cristo que, em Jo 19,26, do alto da cruz, “vê sua mãe”? Sua atitude é a mais oblativa possível nesse momento derradeiro: Ele a confia ao discípulo, e confia o discípulo à sua mãe.

Fica patente, pois, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que Deus é “aquele que vê”. Ele vê a miséria do seu povo, mas também olha cada um individualmente. Ninguém, sobretudo os sofredores, passa despercebido ao olhar divino. Afinal, Ele é aquele que “vê a fadiga e a miséria” do ser humano (Sl 25,18) e que jamais oculta sua face “ao que sofre sem amparo” (Sl 22,25).

Esse episódio no Hospital Gemelli, que recordamos acima, é um dentre tantos em que podemos ver que o Papa Francisco tornou-se um “sacramento”, um “sinal visível” do “Deus que vê”. Ele “viu” a situação calamitosa do planeta e se debruçou sobre a questão ecológica; “viu” a miséria de tantos grupos ainda marginalizados na Igreja e foi capaz de abrir caminhos nunca antes desbravados, como fez com documentos importantes como *Amoris Laetitia* ou, ainda, permitindo a publicação da Declaração *Fiducia Supplicans*; “olhou com ternura”

para a figura da mulher, colocou várias em postos de liderança dentro da Igreja e nos apresentou a Igreja como uma casa com portas abertas — “porque é Mãe”, ele afirmava. Poderíamos elencar tantas e tantas situações em que isso se constata: Francisco, servo dos servos de Deus, sacramento do Deus que vê!

Hoje choramos sua partida. Na Páscoa, ele fez sua Páscoa! Possamos nos fixar em seus ensinamentos e em seus exemplos. Não sejamos cegos às necessidades dos outros. Que sejamos também nós pessoas-sacramento, pessoas-sinal do “Deus que vê”. Tanto há para ser visto ao nosso redor! Se olharmos com atenção, quantas necessidades! Que o Deus que “nos vê” nos ajude a perceber tanto que somos vistos por Ele — do mesmo modo que Francisco viu a Sra. Carmela no meio da multidão — quanto que devemos também “ver” os que nos cercam, “ouvir” seus clamores e ser, na vida de cada um e de cada uma, um sinal vivo da presença do Senhor.



Em todas as audiências gerais às quartas-feiras, Carmela Mancuso entregava flores amarelas para o Papa Francisco

PADRE FÁBIO DA SILVEIRA SIQUEIRA





# Entre duas Páscoas

VATICAN NEWS

**A**pós a celebração do Sagrado Tríduo, vivenciamos um especial momento na Santa Missa de Páscoa na Ressurreição de Jesus, durante o jubileu da esperança, ou seja, a Praça de São Pedro em uníssono entoava o canto do Aleluia.

Um canto que acompanha a nossa vida cristã desde que temos consciência de nossa vocação batismal e a Igreja o coloca em nossos lábios, não como uma cantiga dispensável de entretenimento sem mais, mas como a certeza que mais sustenta nossa esperança.

Particularmente, o canto do Aleluia do dia santo de Páscoa tem por estrofe uma trama de vitória infinita que narra um triunfo sem arrogância triunfalista. Dizemos isso no prefácio da Páscoa: “em tua morte, Senhor, nossa morte foi vencida, e em sua ressurreição todos nós ressuscitamos”.

Terminada a celebração eucarística, esperávamos ansiosamente a bênção *Urbi et Orbi* que o Santo Padre Francisco daria desde o balcão da Basílica de S. Pedro. Era o ápice de uma auspiciosa manhã ensolarada que contava com uma multidão reunida para ser confirmada na fé através dos ensinamentos e a presença do sucessor de S. Pedro.

De fato, apesar de suas limitações visivelmente apreciadas naquele momento, o Papa Francisco como o pai de uma numerosa família, quis estar com os seus filhos. Desejou fazer de sua voz entrecortada um microfone de paz ao mundo contemporâneo e de sua bênção um bálsamo ao coração daqueles que necessitam se reconciliar com a esperança.

Como um ato de entrega generosa dispôs-se a percorrer toda a Praça de S. Pedro em seu Papamóvel, e não imaginávamos que era o seu até breve. Até o Céu!

Já na segunda-feira, pós Ressurreição, com o início habitual que a vida retoma depois de uma pausa para Semana Santa, de repente, somos surpreendidos pela notícia da Páscoa do Papa Francisco. A princípio, entre o temor da confirmação e o silêncio que se escutava em nossa residência, surgia no coração a certeza de que a vida não é controlada por nós e que sempre há um apêndice que reserva outro, para colocar direção ou determinação no que escapa de nossas mãos.

O sentimento de tristeza é inevitável sempre que temos que nos despedir de alguém que

realmente amamos e admiramos, mas logicamente, há um adeus especialmente doloroso quando interrompe drasticamente não um lar, ou um trabalho ou uma folga, mas a própria vida. É a morte que nos coloca no mais extremo de ter que lidar com todas as nossas perguntas que nos deixam pobres, com as dúvidas que podem morder nossas certezas, com o amálgama de sentimentos mistos que nem sempre acertamos em colocá-los devidamente a partir da fé.

Porém, há uma esperança que nos indica a casa que nos espera no céu, como São Paulo nos escreveu em suas epístolas. Porque somos peregrinos de uma terra em que nossos passos caminham diariamente em direção a esse destino. Não acreditamos na longevidade de uma vida longa e bem paga, mas na eternidade de uma vida que não acaba e que nos espera. Nesse amanhã eterno nos alegraremos para sempre ao lado de Deus, junto a Virgem Maria e todos os santos, ao lado de nossos amigos e irmãos. Assim o coração o reivindica como verdadeiro anseio, e assim nos foi prometido por quem com sua ressurreição nos abriu as portas do céu.

Na homilia escrita pelo Papa Francisco e proferida na Vigília de Páscoa, ele nos alertava que a palavra última é reservada por Deus, e tem a forma de um abraço, como uma introdução à festa que um bom pai prepara para celebrar que um filho chegou ao lar para o qual nasceu.

Seu pontificado inúmeras vezes nos convidou à generosidade de nos

deixar surpreender por Deus. Ele nunca se cansa de destrancar a porta de seu coração para repetir que nos ama e quer compartilhar Sua vida conosco. Francisco recordou com palavras e gestos, mas, sobretudo, com a vida, que a Igreja sente a urgência de anunciar a misericórdia de Deus. Sua vida é autêntica e crível quando com convicção faz da misericórdia seu anúncio. Ela sabe que a primeira tarefa, especialmente em um momento como o atual, cheio de grandes esperanças e fortes contradições, é a de introduzir a todos no mistério da misericórdia de Deus, contemplando a face de Cristo. Face que ele agora contempla na eternidade.

São muitas as histórias e relatos dos que gozaram de sua intimidade, mas a nota peculiar nos diferentes dizeres é a sua alegria repleta de bom humor. A alegria como um sinal verdadeiro de que uma pessoa sabe ver as coisas sem que o que contempla a destrua ou a amargure, mesmo que não seja fácil de olhar. A alegria que não é uma expressão do rosto, não é algo postizo que se aluga ou se empresta, mas que responde à paz interior de quem olha sem medo as circunstâncias cotidianas, de quem sabe que também é olhado com olhos de bondade e que umas mãos providentes sustentam sua vida, acendendo uma certa esperança em sua alma. Não é o contentamento fugaz nem uma ensaiada cena, mas a verdadeira alegria que faz o coração transbordar com uma liberdade sem armadilhas que corresponde completamente à sua humilde verdade.

Inúmeras vezes, o Papa Francisco comentou que o mundo precisava da Alegria com letras maiúsculas, que não sofresse a precariedade de tantas esperanças frustradas nem o desencanto de tantas conquistas vazias.

A Alegria, a Boa Nova, fez-se para nós rosto e caminho em Jesus Cristo, aquele que veio, que vem e que virá. E nós cristãos somos testemunhas dessa Alegria sem pôr do sol e semeadores dessa esperança sem engano, quando desejamos que o que aconteceu há dois mil anos, continue acontecendo agora, nos recordou seu tão importante documento “A alegria do Evangelho”.

Todos viram no Domingo de Páscoa como se apagava a luz de sua força que tanto iluminava, como se encolhiam as mãos que tanto abençoaram e distribuíram acolhimento, como ficaram mudos aqueles lábios que bradavam paz, esperança e misericórdia, mas com a sua presença nos mostrou que sempre será Páscoa quando os vales de lágrimas e destruição forem transformados em pomares de esperança e alegria.

É o que neste momento celebra no banquete do Cordeiro o nosso saudoso Papa: o presente eterno que nos permite renascer como aquele que estreia a esperança ao amanhecer da Páscoa. Muito obrigado, Santo Padre Francisco!

**PADRE MARCUS VINICIUS BRITO DE MACEDO**  
OFICIAL JUNTO À SECRETARIA DE ESTADO DA SANTA SÉ



Na Mongólia, Papa Francisco inaugurou a Casa da Misericórdia, em setembro de 2023



VATICAN MEDIA

## INTRODUÇÃO

A trajetória do Papa Francisco foi marcada por uma vivência profunda da fé, da humildade e da compaixão, consolidando-se como um verdadeiro farol de esperança para o mundo. O falecimento de Sua Santidade na Oitava da Páscoa, período em que celebramos intensamente o Mistério Pascal, transcende o mero acaso: é expressão sublime da Providência Divina, revelada na ressurreição de Jesus Cristo.

O Salmo 38, um poema bíblico de angústia e súplica, apresenta uma conexão significativa com a mensagem e o legado pastoral do nosso Pontífice. Tanto o orante como o Papa Francisco compartilham uma profunda consciência do sofrimento humano e da necessidade de se clamar pela misericórdia divina. Esta reflexão nos convida a explorar os paralelos entre as palavras desse Salmo e a missão do nosso querido Papa Francisco, cujo pontificado não foi interrompido por sua morte, mas confirmado pelo seu vivo testemunho até o fim à luz do Evangelho em nossos tempos tão desafiadores.



Papa Francisco em encontro com delegação do Movimento Laudato Si', para a criação de nova agenda ambiental global

## TEXTO EM TRADUÇÃO<sup>1</sup>

(1) *Um salmo de Davi. Para fazer lembrar.*

(2) SENHOR, que não me repreendas em tua irritação!

Que (não) me corrijas em tua fúria!

(3) De fato, tuas flechas se cravaram em mim;

cravaste tua mão em mim.

(4) Não existe parte ileso em minha carne por causa de tua indignação; não há paz em meus ossos por causa de meu pecado.

(5) Porque meus delitos ultrapassaram minha cabeça, pesam sobre mim como um pesado fardo.

(6) Minhas chagas cheiram mal; apodreceram, por causa de minha ignorância.

(7) Curvei-me, agachei-me ao extremo; todo dia andei cabisbaixo.

(8) Porque meus quadris se encheram de ardência, não existe nenhuma parte ileso em minha carne.

(9) Fiquei esgotado e quebrantado ao extremo, bramo por causa do frêmito de meu coração.

(10) Senhor, meu desejo está diante de ti; meu gemido não te ficou oculto.

(11) Meu coração palpitou, minha força me abandonou. E, em meus olhos, nem mesmo neles existe luz.

(12) Meus amados e meus amigos ficam em pé diante de minha enfermidade; meus próximos ficaram em pé a distância.

(13) Os que procuram minha alma puseram armadilhas, e os que buscam meu mal-estar falaram sobre infortúnios; o dia inteiro sussurram embustes.

(14) Eu, porém, sou como um surdo. Não escuto!

Sou como um mudo que não abre a sua boca.

(15) Sou como um homem que não está escutando; não existem repreensões em sua boca.

(16) Porque aguardo por ti, Senhor; tu responderás, Senhor, meu Deus!

(17) Porque disse: “Que não se alegrem a meu respeito!”,

pois, ao vacilar meu pé, engrandeceram-se a minhas custas.

(18) Porque eu estou pronto para um tombo, minha dor está sempre diante de mim.

(19) Sim, declaro meu delito e preocupo-me com meu pecado.

(20) Mas meus inimigos estão vivos, ficaram poderosos; multiplicaram-se os que falsamente me odeiam.

(21) Os que retribuem com maldade ao invés de bondade opõem-se a mim, por eu perseguir o que é bom.

(22) SENHOR, não me abandones! Meu Deus, não te afastes de mim!

(23) Apressa-te em meu auxílio, Senhor, minha salvação.

## REFLEXÃO

Este Salmo é uma lamentação pungente; expressa sofrimento profundo, unido à confissão do orante que apela por

misericórdia, reconhecendo a santidade de Deus. Ao descrever a sua condição física e emocional, o orante reconhece a causa de seu sofrimento. Em meio à sua angústia, confessa seus pecados e expressa tristeza, mas o seu clamor, forte e contundente, manifesta a sua fé inabalável.

A vida humana assumida pelo Verbo Divino, Jesus de Nazaré, reflete de maneira profunda e significativa as expressões e sentimentos que o orante declarou no Sl 38. O lamento, sincero e angustiado do orante, que espelha a experiência humana de dor, sofrimento, arrependimento e de busca por consolo, permeia a vida e o ministério público de Jesus, culminado na sua total doação a favor de todo o gênero humano e da criação em seu Mistério Pascal.

Nesse sentido, o pontificado do Papa Francisco está marcado pela ênfase consistente na misericórdia, compaixão e solidariedade com os marginalizados, a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Com paternal bondade, nosso Pontífice vinha nos exortando a sentir o mesmo senso de remorso e confiança em Deus que o orante sentiu quando se deu conta dos erros cometidos.

A importância de reconhecer o próprio pecado e a humildade na busca do perdão de Deus nos inspiram a crer no seu divino amor, sempre disposto a perdoar quem dele se aproxima com sinceridade e espírito de conversão. Esta certeza nos ajuda a enfrentar as crises, as adversidades, os desafios das mais

diversas necessidades e, especialmente, o dever de defender a dignidade de cada pessoa humana. Lembremo-nos de suas palavras: “Deus nunca se cansa de nos perdoar. Nós é que nos cansamos de lhe pedir perdão” (*Ângelus*, 17 de março de 2013).

Nesse sentido, o estilo de liderança e o cuidado pastoral, assumidos pelo Papa Francisco, estão muito próximos ao que o orante diz no Sl 38. Nosso Pontífice se identificou com os que sofrem e apelou para que a Igreja seja um “hospital de campanha”, oferecendo cura e consolo aos feridos.

O Papa Francisco, de igual modo, sempre foi uma voz ativa na defesa do meio ambiente, promovendo o conceito de “ecologia integral”, pela qual se reconhece a interconexão entre todos os seres vivos e a criação divina. Sua encíclica “*Laudato Si'*” (2015), foi um marco na conscientização global sobre a crise ecológica e a necessidade de uma conversão ecológica. Em 2023, ele complementou essa mensagem com a exortação apostólica “*Laudate Deum*”, reforçando o apelo por ações concretas para proteger a nossa “Casa Comum”.

Durante a Campanha da Fraternidade deste ano, cujo tema foi “Fraternidade e Ecologia Integral”, o Papa Francisco enviou uma mensagem aos fiéis brasileiros, destacando a importância de preservar o meio ambiente e promover o desenvolvimento sustentável. Ele enfatizou que a crise climática é um chamado à conversão interior e à

# O Salmo 38 e o Papa Francisco em seu falecimento na Oitava de Páscoa



VATICAN MEDIA

mudança de práticas que permitam à natureza descansar das explorações gananciosas. O lema da campanha, “Deus viu que tudo era muito bom”, reflete a visão do Papa sobre a criação como um dom divino que deve ser cuidado e transmitido às futuras gerações.

Além disso, o Papa Francisco destacou a realização da COP 30 em Belém, no coração da Amazônia, como uma oportunidade para que nações e organismos internacionais se

comprometam com práticas que ajudem a superar a crise climática e preservar a obra da criação. Ele também reforçou a necessidade de proteger os povos originários da Amazônia, reconhecendo sua sabedoria e papel essencial na conservação ambiental.

A Campanha da Fraternidade de 2025, inspirada nos ensinamentos do Papa Francisco, é um convite a trilhar um caminho de conversão baseado na ecologia integral, promovendo

ações concretas para cuidar do meio ambiente e construir um futuro sustentável. Essa iniciativa reflete o legado do nosso querido Pontífice, que sempre buscou integrar fé, justiça social e cuidado com a criação divina. Se a ecologia tem que ser integral, a salvação do ser humano também precisa ser integral com toda a criação (Rm 8,18-27).

Por tudo isso, percebe-se que o Santo Padre mostrou que as lamentações que as pessoas

elevam a Deus, vitimadas pela maldade alheia, são acompanhadas pelo reconhecimento do pecado cometido, mas também pela confiança na intervenção libertadora de Deus.

A preocupação do Papa Francisco com os mais empobrecidos e marginalizados foi, por várias vezes, mal interpretada, gerando tensões na Igreja e em certos setores da sociedade. Contudo, não cessou de mostrar a necessidade urgente da mudança de postura no clero e do diálogo construtivo em favor do bem comum. Ao lado disso, nos ensina que mesmo doentes, somos trabalhadores na vinha do Senhor.

A ênfase do Papa Francisco na conversão pessoal e na humildade se alinha com o espírito de arrependimento encontrado no Sl 38. A certeza de que a misericórdia de Deus é imutável não nega as conotações do pecado, mas o consome no fogo do amor divino. Esse efeito purificador e curativo é alcançado se, dentro de cada um de nós, houver arrependimento sincero e a firme decisão de começar uma vida nova motivada pelo amor que corresponde à vontade de Deus. Compreende-se porque o Papa Francisco apelou para que a Igreja seja lugar de acolhimento e de cura para todos, provocando-nos a trabalhar, incansavelmente, pela restauração da dignidade de milhões de pessoas.

O falecimento do Papa Francisco nesta Oitava da Páscoa tem um significado profundo no contexto da nossa fé católica. Tempo de grande alegria, pois celebramos a ressurreição de Jesus Cristo e a esperança da vida eterna. Assim, a páscoa do Papa Francisco, ocorrida nesta Segunda-Feira da Oitava, mais do que nos comover ou entristecer, nos faz viver a certeza da vida eterna recebida em penhor no Mistério Pascal. A morte, vista pela lente da ressurreição de Jesus Cristo, nos faz redescobrir que a morte não tem a última palavra sobre a vida. Estamos vivos em Jesus Cristo Ressuscitado!

Se o pontificado do Papa Francisco foi marcado pelo sofrimento, misericórdia e

esperança, tê-lo acompanhado em sua doença e fragilidade nos lembra que voltar para Deus e buscar a sua misericórdia se tornam eficazes se nos comprometem com o Amor de Deus revelado em Jesus Cristo. Foi exatamente isso que nosso Pontífice fez e nos ensinou a fazer.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O falecimento de Sua Santidade durante a Oitava da Páscoa reveste-se de um simbolismo profundo e reconfortante. Este período, que culmina no Domingo da Divina Misericórdia, reafirma a essência da fé cristã: por meio do Mistério Pascal, a vitória sobre a morte nos é garantida, e a vida eterna é prometida a todos os que acreditam em Jesus Cristo Ressuscitado.

Ao trilharmos o caminho da Páscoa até Pentecostes, guiados pelo Espírito Santo, vivamos o jubileu, lembrando-nos das palavras de São Paulo que foram assumidas pelo Papa Francisco: “A esperança não decepciona” (Rm 5,5). Que essa esperança nos inspire a sermos arautos da misericórdia divina, construtores da paz e agentes de reconciliação em um mundo tão necessitado de redenção.

Que o legado do Papa Francisco permaneça como um farol a nos guiar, convidando-nos a praticar a humildade, a compaixão e a solidariedade. Inspirados por seu exemplo de dedicação inabalável aos marginalizados e mais sofredos, sejamos instrumentos vivos da graça de Deus. Que possamos, através de nossas ações e palavras, oferecer alívio, esperança e cura a um mundo marcado por divisões, egoísmos, descaso com as criaturas, conflitos e guerras sem sentido.



**PADRE LEONARDO AGOSTINI FERNANDES**, CAPELÃO DA IGREJA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DO ESTÁCIO DE SÁ E DOCENTE DE SAGRADA ESCRITURA DO DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA DA PUC-RIO

<sup>1</sup> Tradução de Matthias Grenzer feita a partir do Texto Massorético Leningradense (TM<sup>1</sup>), reproduzido na edição quinta da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm - eds. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997, p. 1120-1121), e que se encontra na *Bíblia Paulinas*. São Paulo: Paulinas, 2023, p. 866-867.



# Francisco: o nome da ternura de Deus

*‘Misericórdia quero, e não sacrifício.’ (Mt. 9,13)*

**E**le veio do fim do mundo, e entrou no coração do mundo como quem não deseja ser notado, apenas amado. Francisco. Um nome simples, de asas abertas como os pássaros de Assis, e de pés firmes no chão dos pobres.

Na noite de 13 de março de 2013, uma multidão olhava para o céu em Roma, quando a fumaça branca anunciou que havia um novo Papa. No final daquela noite, da sacada central da Basílica de São Pedro, surgiu uma figura simples, serena, que apenas disse: “Buona sera.” Pediu orações – e mais: “Gostaria que houvesse um caminho de fraternidade, amor e confiança entre nós”.

Esse desejo profundo e humilde foi sua primeira lição: não há autoridade maior do que a humildade que se

ajoelha, nem missão mais urgente do que a fraternidade entre todos.

Desde então, caminhou. Não ficou nos palácios. Preferiu os refugiados, as prisões, os hospitais esquecidos e foi onde ninguém queria ir. Tocou o mundo ferido com mãos de pai e coração de pastor. Fez da misericórdia o seu Evangelho cotidiano.

Lembro da Jornada Mundial da Juventude, no Rio. A Praia de Copacabana lotada com quase quatro milhões de jovens, de esperança e de fé. E, ao final deste evento, não havia sujeira alguma nas areias. Como se o Espírito tivesse passado por ali, leve e puro. Aquilo já era Francisco: presença que cuida, que não fere, que deixa perfume.

Tive a graça de vê-lo de

perto, no Sumaré. Ele passava como quem carrega um segredo grande demais para ser dito. E dizia baixinho: “Reze por mim.” Era ali que sua força se revelava – na fraqueza assumida, na dependência amorosa de Deus. Sua simplicidade tinha peso de eternidade.

Mais do que vê-lo, tive o privilégio de receber sua bênção – ao lado do nosso querido Cardeal Dom Orani João Tempista. Aquele momento permanece gravado em minha alma como uma chama suave e firme: ali estava o sucessor de Pedro, homem entre homens, e pastor do mundo inteiro, com o coração voltado a cada um.

Ele falou ao mundo com a voz dos esquecidos. Gritou por

paz quando todos falavam de armas. Na sua visita histórica ao Congresso dos Estados Unidos, evocou com ternura e firmeza quatro nomes que atravessam o tempo: Abraham Lincoln, Martin Luther King, Dorothy Day e Thomas Merton. Cada um, à sua maneira, foi construtor de pontes, mensageiro de paz, guardião da dignidade humana. Francisco os lembrou como quem diz: é possível, ainda é possível um mundo diferente.

Clamou pelos migrantes, pelos pobres, pelos descartados – como se cada um deles fosse o próprio Cristo, e era.

Nas suas encíclicas, traçou mapas de amor:

“Lumen fidei”, que nos lembrou que crer é ainda possível;

“Laudato si”, que nos fez amar a Terra como irmã;

“Fratelli tutti”, que nos ensinou que o outro é sempre irmão;

e “Dilexit Nos”, sua joia espiritual, onde contemplamos o amor

humano e divino que brota do Coração de Jesus, um amor que tudo transforma, tudo redime, tudo sustenta.

Francisco foi mais que Papa. Foi semente do Reino, caída nas dobras duras do nosso tempo. E mesmo ali, brotou.

Foi farol em mar escuro. Rosto do Bom Samaritano no mundo distraído. Voz do Espírito no meio da confusão. Um novo Francisco, que não reformou apenas estruturas – reformou corações.

Talvez o tempo leve os gestos, as imagens, as manchetes. Mas haverá sempre, na alma do mundo, uma lembrança doce: houve um homem que acreditou na ternura como forma de governo. Um homem que quis apenas fazer o que o Senhor deseja.

E por isso, mesmo depois de seu silêncio, ele continuará falando. Porque os santos não morrem. Apenas se tornam mais íntimos.

“Misericórdia quero, e não sacrifício.” (Mt 9,13)

E ele levou isso até o fim.

## Mensagem em memória do Papa Francisco

“**O** justo estará em memória eterna, não temerá más notícias.” (Sl 112,6-7)

O Papa Francisco, em várias ocasiões, falou com simplicidade e serenidade sobre a morte. Dizia que a via como um encontro com o Senhor, “com aquele que nos amou primeiro”. Não a temia, pois sabia que a vida não termina com a morte, mas se transforma. Em uma entrevista, afirmou: “Penso na morte, sim. E estou preparado. O Senhor é bom.” Essa confiança profunda vinha de sua fé inabalável, de sua vida de oração, e de sua entrega total a Deus e à Humanidade.

Ele sempre viveu com a consciência de que a existência é um dom a

ser oferecido. Mesmo nas fragilidades da idade e da saúde, permaneceu firme em seu chamado de ser “pastor com cheiro de ovelha”, conduzindo com misericórdia e ternura o rebanho de Cristo.

Hoje, como católicos, sentimos uma dor profunda. Perdemos um pai espiritual que abriu as portas da Igreja a todos, especialmente aos pobres, aos excluídos, aos que viviam nas periferias da existência. Sua vida foi um Evangelho vivo, pregado com gestos mais do que com palavras. Uma entrega sem reservas, com o coração de Cristo.

Sua esperança era firme porque ele sabia em quem havia colocado sua confiança. E é com essa mesma esperança

ARQUIVO PESSOAL



Papa Francisco, Dom Orani e padre Silmar, no Centro de Estudos do Sumaré, em 2013

que hoje o confiamos ao abraço eterno do Pai. Como ele gostava de citar Jorge Luis Borges, poeta argentino a quem admirava: “*Ya somos el olvido que seremos, el polvo elemental que nos ignora, y que fue el rojo Adán, y que es ahora todos los hombres, y que no veremos.*”

Mas também, como Francisco cria, somos

mais do que pó: somos chamados à eternidade no amor de Deus.

Descanse em paz, Papa Francisco.

Muito obrigado.

Um dos teus filhos,



# A alegria do Evangelho

## Um programa missionário para a Igreja do século XXI

Nestes dias de reflexão sobre o legado do Papa Francisco, um texto do início de seu pontificado traça um programa de trabalho e de missão. Inspirada no Documento de Aparecida, que o Papa Francisco, enquanto Cardeal Bergoglio, dirigiu à comissão de redação final, vale a pena refletir sobre suas palavras.

A Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” (“A Alegria do Evangelho”), publicada pelo Papa Francisco em 24 de novembro de 2013, é um marco essencial do início de seu pontificado e se tornou um verdadeiro “programa” para a renovação missionária da Igreja. Nela, o Papa traça com clareza o caminho para uma Igreja mais próxima do povo, mais fiel ao Evangelho e mais comprometida com os pobres. Não se trata apenas de um documento entre tantos, mas de uma convocação vibrante e profética a todos os batizados: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e comodidade de se agarrar às

próprias seguranças” (EG, 49).

O Papa inicia a exortação com uma afirmação decisiva: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG, 1). Essa alegria é fruto de um encontro pessoal com Cristo vivo, e dela nasce o impulso missionário. Não é possível evangelizar de maneira verdadeira sem essa alegria interior, que transforma a tristeza e o medo em ousadia e generosidade.

Francisco insiste que a evangelização não pode ser feita com o rosto fechado ou com o tom de quem impõe uma obrigação moral. Pelo contrário, ela deve revelar o rosto misericordioso de Deus, que convida com ternura e amor: “O bem tende sempre a comunicar-se... todo cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus” (EG, 9).

Um dos pilares centrais da “Evangelii Gaudium” é o chamado a sermos uma Igreja em saída. O Papa convoca todos – bispos, padres, diáconos, religiosos, leigos – a não se

fecharem em estruturas ultrapassadas, mas a saírem ao encontro dos que mais precisam, onde quer que estejam: “Sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG, 20).

Essa saída exige conversão. Francisco propõe uma conversão pastoral e missionária, que toque todos os aspectos da vida e da organização eclesial: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal adequado para a evangelização do mundo atual” (EG, 27).

O coração da missão é o anúncio de Jesus Cristo. Francisco nos alerta contra o risco de colocar secundários no centro e esquece o essencial: “Há que reiterar com frequência e vigor o primeiro anúncio: Jesus Cristo te ama, deu a sua vida para salvar-te e agora está vivo ao teu lado cada dia para iluminar-te, fortalecer-te, libertar-te” (EG, 164).

Esse anúncio deve ser feito

com ternura, escuta, proximidade, sem proselitismo, respeitando o caminho de cada pessoa. A missão é uma proposta de vida, não uma imposição. Evangelizar é oferecer a experiência do amor de Deus que salva, que transforma e que gera fraternidade.

O Papa Francisco dedica parte substancial da exortação à dimensão social da evangelização, recordando que não há autêntico anúncio do Evangelho que ignore a realidade dos pobres e das injustiças sociais. “Desejo uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito a ensinar-nos... temos de deixar-nos evangelizar por eles” (EG, 198).

A denúncia da “economia que mata” (EG, 53) e da “cultura do descarte” revela a preocupação profunda do Papa com o modo como a globalização gera desigualdades e marginalização. A evangelização, portanto, não pode ficar restrita ao templo ou à liturgia; ela deve estender-se à vida social, política, econômica, com base nos valores do Reino de Deus.

Francisco propõe um olhar crítico sobre as estruturas da Igreja, especialmente quando elas se tornam obstáculos para o encontro com Cristo. Ele fala de uma “Igreja em reforma”, capaz de descentralizar-se, valorizar as Igrejas locais, dar voz aos leigos e envolver toda a comunidade eclesial na missão.

Ele também aborda com coragem temas como o clericalismo, a função dos leigos, o papel das mulheres, a formação dos agentes de pastoral e a necessidade de maior simplicidade na pregação: “A homilia pode ser

bela, mas se não provoca um encontro com Jesus vivo, corre o risco de ficar em palavras vazias” (EG, 138).

Francisco encerra a exortação com uma forte ênfase na espiritualidade missionária. Evangelizar não é fruto de técnica, mas de docilidade ao Espírito Santo, que conduz a Igreja com criatividade, ousadia e novidade. “O Espírito Santo enriquece toda a evangelização com diferentes carismas... é o protagonista autêntico da evangelização” (EG, 130).

Nesse sentido, a missão não pode ser vivida como um peso, mas como um ato de amor e liberdade, como expressão de uma Igreja que vive da alegria da ressurreição e deseja compartilhá-la com todos.

Passados mais de dez anos desde a publicação da “Evangelii Gaudium”, seu conteúdo continua profundamente atual. É uma exortação que nos move, nos questiona e nos inspira. O Papa Francisco, com sua linguagem simples e direta, conseguiu renovar a esperança missionária da Igreja no século XXI.

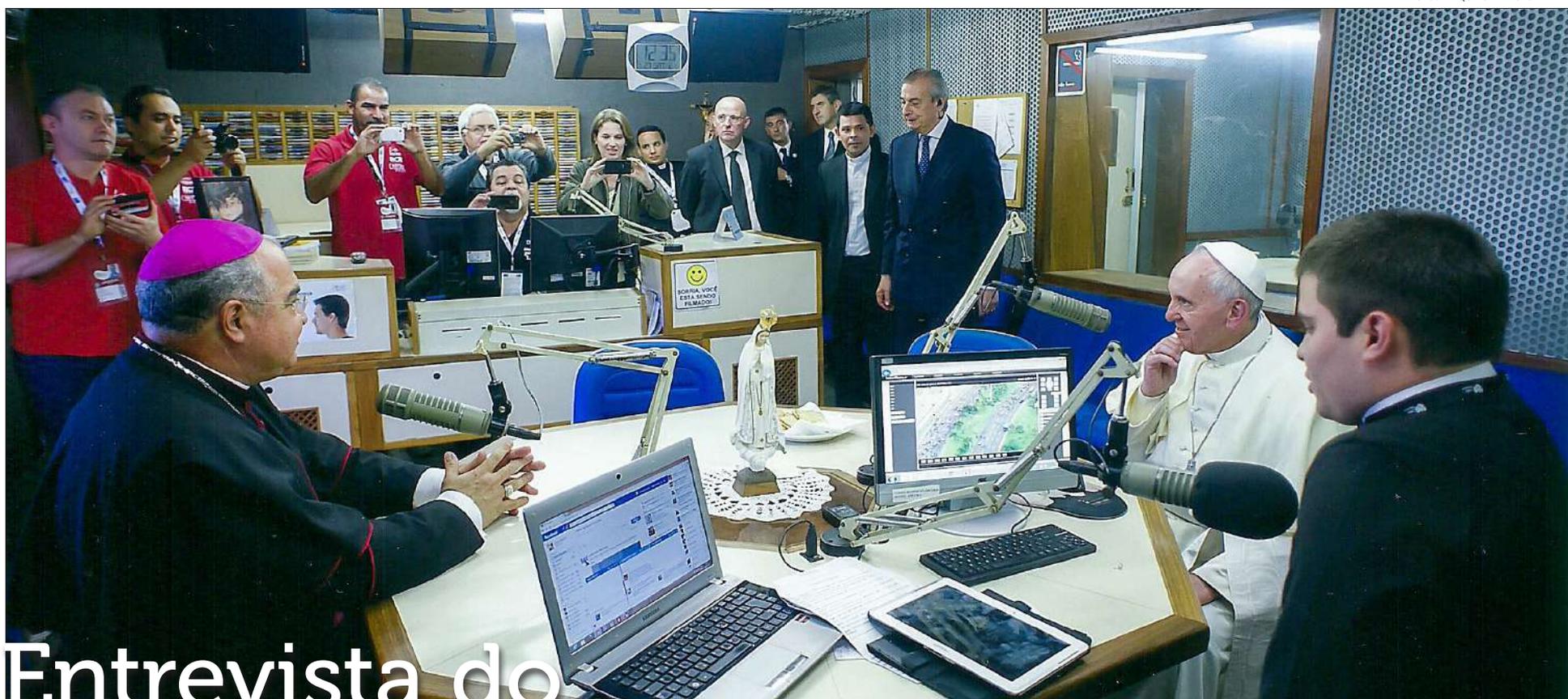
Cabe agora a cada comunidade, paróquia, diocese, grupo de base ou movimento acolher esse apelo e traduzi-lo em ações concretas. Que possamos, com coragem e alegria, sair ao encontro do outro e anunciar, com a vida e com as palavras, que Jesus Cristo vive, ama e caminha conosco.

ORANI JOÃO, CARDEAL TEMPESTA, O. CIST.

ARCEBISPO METROPOLITANO DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, RJ



Papa Francisco no almoço no Vaticano pelo Dia Mundial dos Pobres



## Entrevista do Papa Francisco na Rádio Catedral



**N**o dia 26 de julho de 2013, o Papa Francisco visitou no Edifício São João Paulo II, na Glória, os estúdios da Rádio Catedral, que faz parte do Sistema de Comunicação da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Durante sua participação, deixou uma mensagem muito marcante sobre temas que delinearam suas posições na Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro.

O Papa Francisco estava acompanhado do arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, e a entrevista contou com a presença do padre Antonio Augusto da Silva Bezerra. A entrevista, que segue na íntegra, foi assistida pelos diretores e funcionários da emissora.

“Bom dia, boa tarde, a todos que estão ouvindo. Agradeço a atenção e agradeço aqui aos integrantes da rádio pela amabilidade por me darem o microfone. Agradeço e estou olhando para o rádio e vejo que, hoje em dia, os meios de comunicação são muito importantes.

Eu diria que uma rádio católica, hoje em dia, é o púlpito mais próximo que temos de onde podemos anunciar os valores humanos, os valores religiosos e, sobretudo, anunciar a Jesus Cristo, o Senhor. Dar ao Senhor essa graça de colocá-Lo em nossas coisas.

Assim, saúdo a todos e agradeço todo o esforço que faz esta arquidiocese para ter e manter uma rádio que tem uma rede tão grande. A todos que estão me escutando, peço que rezem por mim, que rezem por esta rádio, que rezem pelo

bispo, que rezem pela arquidiocese, que todos possamos nos unir na oração e que todos trabalhemos por uma cultura mais humanista, mais repleta de valores e que não deixemos ninguém de fora.

Que todos trabalhemos por esta palavra que hoje em dia não é bem aceita: solidariedade. É uma palavra que procuram deixar de lado, sempre, porque incomoda. Todavia, é uma palavra que reflete os valores humanos e cristãos que hoje nos pedem para ir contra a cultura do descartável, de que tudo é descartável.

Uma cultura que sempre deixa as pessoas de fora: deixa à margem as crianças, deixa à margem os jovens, deixa à margem os idosos, deixa fora aos que não servem, aos que não produzem, e isso não pode acontecer. Ao invés, a solidariedade coloca todos dentro. Devem seguir trabalhando por esta cultura da solidariedade e pelo Evangelho”.

Ao responder sobre a importância da família, Papa Francisco reiterou o caráter indissolúvel desta.

“Não somente diria que a família é importante para a evangelização do novo mundo. A família é importante, é necessária para a sobrevivência da Humanidade. Se não existe a família, a sobrevivência cultural da Humanidade corre perigo. É a base, nos apeteça ou não: a família”.



# A voz de Francisco na formação dos novos sacerdotes

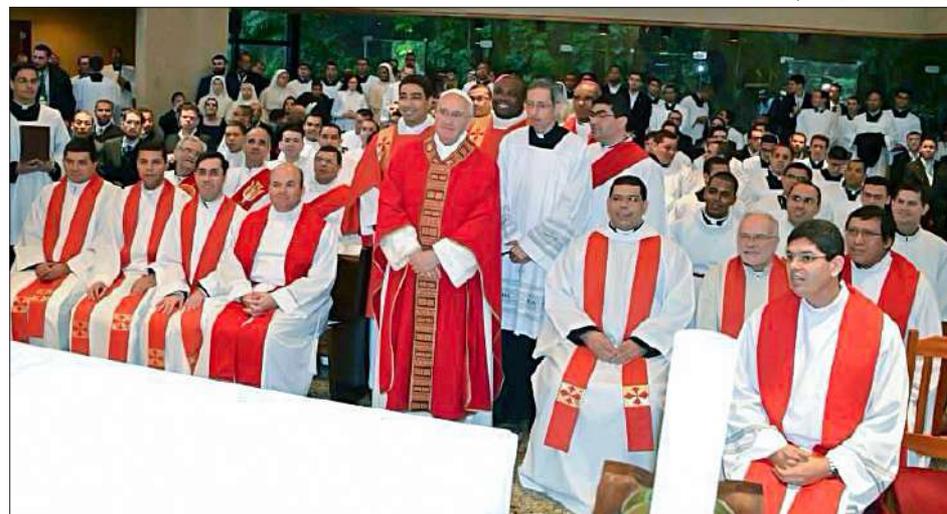
A frente do portão dos fundos do Seminário Arquidiocesano de São José, na Estrada do Sumaré, estava lotada de seminaristas que, ansiosos, aguardavam para receber o aceno afetivo do Papa Francisco que por ali passaria para cumprir os compromissos da Jornada Mundial da Juventude de 2013. Esta imagem representava apenas o início de uma relação de atenção e proximidade. Em diversas ocasiões, o Santo Padre dirigiu-se aos seminaristas e iniciou uma verdadeira reforma na formação sacerdotal com a publicação da "Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis", de 2016.

Ainda na Jornada Mundial da Juventude do Rio, o Papa recordava-se do seu próprio chamado em detalhes, como quem trazia os acontecimentos daquele dia bem presentes na memória: Nunca me esquecerei daquele 21 de setembro – eu tinha 17 anos –, quando, depois de passar pela igreja de San José de Flores para me confessar, senti pela primeira vez que Deus me chamava.

Não tenham medo daquilo que Deus lhes pede! Vale a pena dizer "sim" a Deus. N'Ele está a alegria!

E era assim, como alguém que encontrou-se verdadeiramente com a alegria do Evangelho, que Francisco desejava aconselhar os vocacionados e seminaristas em sua dedicação a Deus e em seu compromisso com a Igreja. Escrevendo aos seminaristas franceses, que, em 2014, reuniam-se no Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, asseverava três palavras essenciais para a vida de seminário: fraternidade, oração e missão. A fraternidade alerta para o fato de que o ministério presbiteral não pode nunca ser individual ou, muito menos, individualista. A estrutura do seminário, para o Papa, é constituída justamente para proporcionar esta fraternidade, para que os seminaristas aprendam a apreciarem-se e amparem-se uns aos outros. Oração.

Para Francisco, o seminarista é chamado a reservar todos os dias longos períodos de



Papa Francisco com a comunidade do Seminário Arquidiocesano de São José, no Centro de Estudos do Sumaré, durante a Jornada Mundial da Juventude, em 2013

oração, para que se deixe transformar pelo Senhor com o qual se encontra intimamente nesses momentos. Missão. Esta que foi uma das características mais marcantes de seu pontificado, reconhecida até mesmo pela imprensa secular, não poderia deixar de ser uma de suas prioridades para os seus seminaristas. Para ele, o seminarista é convidado a ir anunciar aquele com quem se encontrou na oração, sobretudo, às periferias, pois indo até ela toca-se também o centro.

Nas últimas semanas de seu pontificado, essas três palavras revelaram-se ainda mais estampadas em seu testemunho de vida. Ao aconselhar os vocacionados ao sacerdócio, Francisco buscou deixar-lhes aquilo que ele aprendeu desde noviço jesuíta em Santiago do Chile, até o exercício do ministério petriano. Em diversas homenagens ao Santo Padre, de dentro e de fora da Igreja, sua fraternidade e disponibilidade para missão foram ressaltadas, algo que, segundo ele mesmo diria, somente pode surgir de uma vida de oração sólida, que foi construída durante todo o seu percurso de vida e ministério.

Numa ocasião mais recente, em 2023, dirigindo-se aos seminaristas de Nápoles, afirmava que a vida do aluno no Seminário pode ser comparada a um canteiro de obras: a formação sacerdotal é um canteiro de obras no qual cada um de vocês é chamado a se dedicar através da verdade, para permitir que seja Deus quem construa, ao longo dos anos, a sua obra. Nesse canteiro de obras é preciso cultivar a beleza e a fidelidade a fim de que se complete a obra começada (cf. Sl 137,8). Para permitir que Deus construa Sua obra na vida do vocacionado, este deve deixar-se guiar pela ação do Espírito. Inclusive, quando for necessário, deve demolir algumas convicções e ideias incoerentes sobre a fé e sobre o ministério ordenado.

Francisco sempre salientou a ternura de Deus para conosco, mas isto não o impediu de destacar que só é possível uma verdadeira formação em vista do sacerdócio ministerial, se esta for feita através da cruz. É ela, a cruz, que nos garante o verdadeiro amadurecimento. A cruz da nossa fragilidade pode manifestar a ternura do Senhor. O cultivo da vida interior, a meditação da Palavra de Deus, a sinceridade, a seriedade nos estudos e a busca pela maturidade afetiva e humana representam alguns dos conselhos do Papa

Francisco para os que se preparam para abraçar as cruzes inerentes ao sacerdócio ministerial.

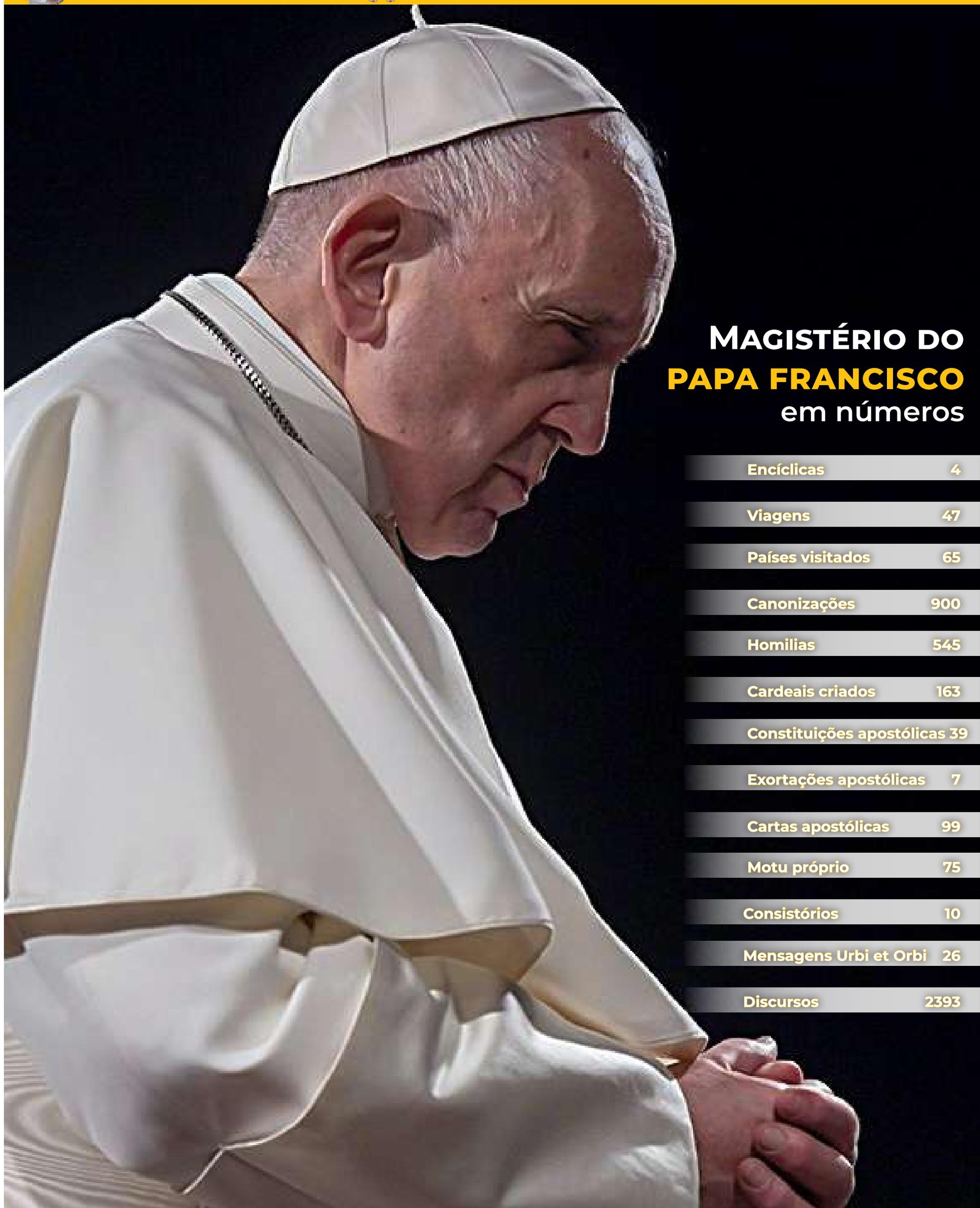
Além disso, não se poderia falar da formação sacerdotal para ele sem que se comente sobre o cheiro de ovelhas. Oriundo das difíceis realidades da América Latina, Francisco aprendeu que o verdadeiro pastor está perto das ovelhas e vai ao encontro delas, mesmo daquelas que se encontram à margem do rebanho. Por isso, o seu odor, ou seja, as suas concepções mais profundas e a sua prática pastoral, deveria ser o de quem, a partir da experiência do dom de si, fora atrás das suas ovelhas e deixou-se tocar por suas necessidades. A gratuidade, a paciência, a proximidade e a compaixão assumem protagonismo nessa prática.

Cabe, enfim, uma palavra sobre a "Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis". Este documento, publicado a 8 de dezembro de 2016, pela então Congregação para o Clero, sob o pontificado de Francisco, provocou uma verdadeira reforma na formação sacerdotal. Partindo das supracitadas prioridades desse pontificado, a Ratio reformulou a concepção das etapas formativas. Aquelas que outrora tinham seus nomes associados diretamente ao âmbito acadêmico – filosofia e teologia –, passaram a ser designadas também da seguinte forma, respectivamente: discipulado, configuração e síntese vocacional. E, para cada uma delas, foram estabelecidas metas objetivas que o candidato deve buscar no processo de formação inicial, ou seja, durante o tempo de seminário.

Muito mais poder-se-ia falar da pre-ocupação do Papa Francisco para com as vocações sacerdotais, mas nada superaria seu exemplo de vida de doação em favor de suas ovelhas. O esforço do Santo Padre expresso, especialmente, naquela bênção "Urbi et Orbi" do Domingo de Páscoa, um dia antes de partir ao encontro de Deus, vale mais do que qualquer longo texto. Com a voz cansada e falha, Francisco abençoou-nos e deixou-nos, aos que marchamos rumo ao sacerdócio ministerial, um testemunho vivo de doação radical de si aos outros, o qual está no cerne da vocação sacerdotal.



Seminarista Rennan Nazar, na Praça de São Pedro, durante a Audiência Geral de 9 de agosto de 2023



## MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO em números

Encíclicas	4
Viagens	47
Países visitados	65
Canonizações	900
Homilias	545
Cardeais criados	163
Constituições apostólicas	39
Exortações apostólicas	7
Cartas apostólicas	99
Motu próprio	75
Consistórios	10
Mensagens Urbi et Orbi	26
Discursos	2393



# Testamento do Papa Francisco

“O túmulo deve ser no chão; simples, sem decoração especial e com uma única inscrição: Franciscus.” Leia na íntegra o testamento do Papa Francisco:

*Miserando atque Eligendo*

Em Nome da Santíssima Trindade. Amém.

Sentindo que se aproxima o ocaso da minha vida terrena e com viva esperança na Vida Eterna, desejo expressar a minha vontade testamentária somente no que diz respeito ao local da minha sepultura.

Sempre confiei a minha vida e o ministério sacerdotal e episcopal a Mãe do Nosso Senhor, Maria Santíssima. Por isso, peço que os meus restos mortais repousem, esperando o dia da ressurreição, na Basílica Papal de Santa Maria Maior.

Desejo que a minha última viagem terrena se conclua precisamente neste antiquíssimo santuário mariano, onde me dirigia para rezar no início e fim de cada Viagem Apostólica, para entregar confiadamente as minhas intenções à Mãe

Imaculada e agradecer-Lhe pelo dócil e materno cuidado.

Peço que o meu túmulo seja preparado no nicho do corredor lateral entre a Capela Paulina (Capela da Salus Populi Romani) e a Capela Sforza desta mesma Basílica Papal, como indicado no anexo.

O túmulo deve ser no chão; simples, sem decoração especial e com uma única inscrição: Franciscus.

As despesas para a preparação da minha sepultura serão cobertas pela soma do benfeitor que providencie, a ser transferida para a Basílica Papal de Santa Maria Maior e para a qual dei instruções apropriadas ao arcebispo Rolandas Makrickas, comissário extraordinário do Cabido da Basílica.

Que o Senhor dê a merecida recompensa àqueles que me quiseram bem e que continuarão a rezar por mim. O sofrimento que esteve presente na última parte de minha vida eu o ofereço ao Senhor pela paz no mundo e pela fraternidade entre os povos.

*Santa Marta, 29 de junho de 2022*



SERVÍCIO FOTOGRAFÍCO DO VATICANO



**Em** seu pontificado, o Papa Francisco realizou gestos que traduzem e reforçam suas mensagens para a Igreja e a Humanidade inteira. Não só com palavras e documentos, ele apontou para uma Igreja em saída, misericordiosa, que cuida da criação, vive o amor na família e promove a fraternidade humana.

Relembre alguns dos inúmeros gestos que marcaram o pontificado do Papa Francisco e ficaram registrados nas memórias, corações e na história da Igreja.

### O PAPA QUE PEDE ORAÇÕES AO POVO DE DEUS

Logo após ser apresentado ao mundo, na sacada central da Basílica São Pedro, o Papa Francisco surpreendeu os milhares de fiéis que lotavam a praça ao saudá-los com um simples “boa noite” e, em seguida, inclinar-se pedindo orações por sua missão à frente da Igreja Católica.

### O PAPA QUE CHORA COM OS MIGRANTES

Em 8 de julho de 2013, Francisco fez a primeira viagem de seu pontificado: à ilha de Lampedusa, no extremo sul da Itália. No local, o Pontífice quis manifestar sua proximidade aos migrantes que tinham conseguido atravessar o Mediterrâneo e chorar por aqueles que morreram na travessia. O gesto deu início às diversas iniciativas em vista de acolher, proteger, promover e integrar os migrantes.

### O PAPA JUNTO DO POVO

Em julho de 2013, o Papa Francisco fez sua primeira viagem apostólica, durante a Jornada Mundial da Juventude, no Brasil. Na ocasião, vários momentos marcaram a memória daquele primeiro contato do Pontífice em outro país, junto com o povo de Deus. Um exemplo foi o abraço no menino Nathan de Brito, à época com 9 anos, que conseguiu furar o bloqueio e partilhar com o Papa seu desejo de ser padre.

### O PAPA QUE VISITA AS PERIFERIAS DE ROMA

Em várias ocasiões durante seu pontificado, o Papa Francisco saiu do Vaticano para fazer visitas surpresas na periferia de Roma. Famílias, instituições que atuam com jovens ou com

pessoas que enfrentam problemas mentais foram visitadas pelo Pontífice e receberam palavras de apoio e incentivo. Essa presença também ocorreu nas paróquias da periferia da Diocese de Roma, escolhidas por Francisco para encontros com o clero.

### O PAPA QUE APONTA PARA A GLOBALIZAÇÃO DA ESPERANÇA

No dia 28 de outubro de 2014, o Papa reuniu-se com os movimentos populares, que realizavam, em Roma, o seu primeiro encontro mundial. Em audiência, proferiu um discurso que poderia ser definido como “programático”, indicando os três Ts (terra, teto e trabalho), ponto fulcral da ação destes grupos que atuam em nome da dignidade humana, da justiça social, do desenvolvimento dos mais pobres e dos descartados. O Pontífice voltou a encontrar os movimentos em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia (2015), e dirigiu-se a eles nos encontros seguintes.

Na Bolívia, Francisco afirmou: “A globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença”.

### O PAPA QUE MOSTRA O ROSTO MISERICORDIOSO DE DEUS

Em 2015, Francisco convocou o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. “Misericordie Vultus” foi o título da Bula de Proclamação. O Ano Santo foi oportunidade para contemplar o mistério da misericórdia, “fonte de alegria, serenidade e paz”. Para essa ocasião, Francisco marcou o início adiantado do ano jubilar na África. A primeira Porta Santa foi aberta em Bangui, na República Centro-Africana, uma terra marcada pela guerra e sofrimentos.

### O PAPA QUE LAMENTA A CRUELDADE

Assim como seus predecessores, João Paulo II e Bento XVI, o Papa Francisco visitou os campos de concentração de Auschwitz e Birkenau, onde milhares de judeus foram feitos prisioneiros e mortos pelo regime nazista. Naquela ocasião, em julho de 2016, marcada pelo silêncio e oração, Francisco escreveu no Livro da Me-



Papa Francisco, na Quinta-Feira Santa de 2023, na prisão juvenil de Casal del Marmo, em Roma

# Papa Francisco traduziu e testemunhou, por meio de gestos, as suas intuições para a Igreja e a sociedade

mória do Museu de Auschwitz: “Senhor, tem piedade do teu povo! Senhor, perdão por tanta crueldade!”.

Em várias oportunidades, o Papa falou que a Humanidade não deve repetir o extermínio ocorrido na Polônia.

### O PAPA QUE SENTE O SOFRIMENTO DOS POVOS DA AMAZÔNIA

“Provavelmente, nunca os povos originários amazônicos estiveram tão ameaçados nos seus territórios como estão agora”. Essa frase do Papa manifestava sua preocupação com a vida dos povos indígenas, durante o encontro que reuniu mais de três mil pessoas em Puerto Maldonado, no Peru, em 18 de janeiro de 2018.

O encontro foi marcado por testemunhos e longo discurso do Pontífice, em que o Papa manifestou a sua preocupação pela ameaça que os povos e o território da Amazônia estão sofrendo. O evento foi

marcante no processo de realização do Sínodo para a Amazônia, ocorrido no ano seguinte, culminando com a exortação apostólica “Querida Amazônia”.

### O PAPA QUE CELEBRA O MATRIMÔNIO

Mesmo que o Sacramento do Matrimônio seja celebrado pelos nubentes, o Papa Francisco demonstrou celebrar, no sentido exaltar e valorizar, a união de amor entre o homem e a mulher. Em algumas oportunidades, ele fez questão de assistir noivos na união diante de Deus, como em 2018, quando presidiu a missa no casamento de uma jovem brasileira com um ex-guarda suíço.

Também demonstra essa valorização à convocação de duas assembleias sinodais sobre a família, a exortação apostólica sobre o amor na família e o ano “Família Amoris Laetitia”, cinco anos depois da publicação do documento pós-sinodal.

### O PAPA QUE BEIJA OS PÉS EM NOME DA PAZ

Em gesto sem precedentes no Vaticano, o Papa Francisco ajoelhou-se e beijou os pés de líderes do Sudão do Sul que viviam em guerra pelo controle do país. No dia 11 de abril de 2019, ao concluir um retiro espiritual para a paz com autoridades civis e eclesiais do país, o Pontífice apelou que eles não voltassem a travar uma guerra civil pelo poder.

“A vocês três que assinaram o Acordo de Paz, peço-lhes, como irmão, que permaneçam na paz. Peco-lhes com o coração. Vamos seguir em frente. Haverá muitos problemas, mas não tenham medo, vão em frente, resolvam os problemas. Vocês iniciaram um processo: que termine bem. Haverá lutas entre vocês dois, sim. Que elas ocorram dentro do escritório; diante do povo, as mãos unidas. Assim, de simples cidadãos, vocês se tornarão Pais da Nação. Permitam-me pedir isso



VATICAN MEDIA

Pela paz, Papa beijou pés de líderes do Sudão do Sul que esteve em guerra



VATICAN MEDIA

Papa Francisco em visita a países africanos, em 2015

com o coração, com os meus sentimentos mais profundos”, disse o Papa.

#### O PAPA QUE APOSTA NA FRATERNIDADE HUMANA

Em 2019, o Papa assinou com o grande imã de Al-Azhar, Ahmed Al-Tayeb, líder muçulmano, uma declaração conjunta de boas e leais vontades, capaz de convidar todas as pessoas, que trazem no coração a fé em Deus e a fé na fraternidade humana, a “unir-se e trabalhar em conjunto, de modo que tal documento se torne para as novas gerações um guia rumo à cultura do respeito mútuo, na compreensão da grande graça divina que torna irmãos todos os seres humanos”. A declaração é considerada precursora da encíclica “Fratelli Tutti”.

#### O PAPA QUE RECORDA QUE ESTAMOS NO MESMO BARCO

Numa Praça de São Pedro vazia e debaixo de chuva, o Papa atravessava rumo à porta da basílica. Uma das imagens mais emblemáticas de seu pontificado, num momento desafiador e de sofrimento para a Humanidade inteira. Eram os primeiros meses da pandemia de Covid-19, e Francisco promovia um “momento extraordinário de oração” com a bênção “Urbi et Orbi” (“Para a cidade e o mundo”).

Meditando o Evangelho no qual Jesus acalma a tempestade (Mc 4, 35), o Papa ressaltou que, naquele momento, todos estavam no mesmo barco e eram chamados a remar juntos,

despertando e ativando a solidariedade e a esperança.

“O Senhor desperta, para acordar e reanimar a nossa fé pascal. Temos uma âncora: na sua cruz, fomos salvos. Temos um leme: na sua cruz, fomos resgatados. Temos uma esperança: na sua cruz fomos curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe do seu amor redentor. No meio deste isolamento que nos faz padecer a limitação de afetos e encontros e experimentar a falta de tantas coisas, ouçamos mais uma vez o anúncio que nos salva: Ele ressuscitou e vive ao nosso lado. Da sua cruz, o Senhor desafia-nos a encontrar a vida que nos espera, a olhar para aqueles que nos reclamam, a reforçar, reconhecer e incentivar



Papa Francisco reza com migrantes durante sua visita à Lampedusa, em 2013

a graça que mora em nós. Não apaguemos a mecha que ainda fumaça (cf. Is 42, 3), que nunca adoece, e deixemos que reacenda a esperança”.

#### O PAPA QUE BUSCA A PAZ

A palavra ‘pontífice’ já traz consigo a referência de construir pontes. E assim Francisco quis fazer diante dos inúmeros conflitos que ocorrem no mundo todo, que marcam como que “uma guerra mundial em pedaços”. Ucrânia, Palestina, Israel, Líbano, Mianmar, Sudão e Kivu do Norte foram frequentemente lembrados nas orações do Ângelus, junto com um clamor pela paz.

Essa preocupação do Papa se traduziu nas ligações diárias à paróquia Sagrada Família, em Gaza, onde dezenas de pessoas conseguiram abrigo para se protegerem dos ataques de Israel. Mesmo depois do cessar-fogo e da sua internação, o Papa continuou com as ligações.

#### O PAPA QUE ENSINA A PARTIR DE SUA DEBILIDADE

Francisco não deixou de levar mensagens importantes mesmo com sua fragilidade durante o longo período de internação e após a alta do hospital. Quando possível, ele continuava a ligar para a paróquia em Gaza. Depois de retornar para a Casa Santa Marta, sua primeira aparição pública foi no Jubileu dos Enfermos e do Mundo da Saúde. Francisco quis estar próximo e se fazer com um daqueles peregrinos.

Em outras aparições, o Papa dedicou suas orações diante dos túmulos do Apóstolo Pedro e São Pio X, e do monumento dedicado a Bento XVI, na Basílica de São Pedro. No dia 16 de abril, teve um encontro com a diretoria e funcionários do Policlínico Gemelli, onde esteve internado por 38 dias. O Pontífice agradeceu a atenção e a assistência recebidas e garantiu suas orações e, em seguida, sua saudação a cada um dos presentes. Na última quinta-feira, Francisco quis manter a tradição de visitar uma prisão por ocasião do lava-pés. Assim, ele esteve na prisão Regina Coeli, em Roma.

“Todos os anos, gosto de repetir o que Jesus fez na Quinta-Feira Santa, o lava-pés, na prisão”. E acrescentou: “Este ano não posso fazê-lo, mas posso e quero estar perto de vocês. Rezo por vocês e por suas famílias”, disse o Papa.

LUIZ LOPES JR.  
CNBB

VATICAN MEDIA



RENAN OLIVETTI



A primeira Viagem Apostólica Internacional do Papa Francisco foi no Rio de Janeiro, de 22 a 29 de julho de 2013, na qual participou da 28ª Jornada Mundial da Juventude (JM), que teve como tema: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações!” (Mt 28,19).

Considerado o maior evento da história do Rio de Janeiro, a JM reuniu na Santa Missa de Envio, no dia 28 de julho, cerca de 3,7 milhões, na Praia de Copacabana.

Foi a primeira vez que a JM foi realizada em um país de língua portuguesa e o segundo na América do Sul, justamente na Argentina, em 1987, país que nasceu Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco.

## PRIMEIRO PRONUNCIAMENTO EM TERRAS BRASILEIRAS

O Papa seguiu em um carro comum ao Palácio da Guanabara, para cerimônia oficial de boas-vindas, uma novidade do seu pontificado. Alguns imprevistos no trajeto e o congestionamento no trânsito facilitaram uma maior proximidade do povo com o Papa, que fez questão de deixar os vidros do veículo abertos, o que mobilizou, ainda mais, seguranças.

O Santo Padre disse: “Quis Deus, na sua amorosa providência, que a primeira

# Papa Francisco reuniu 3,7 milhões de pessoas na JM no Rio em 2013

viagem internacional do meu pontificado me consentisse voltar à amada América Latina, precisamente ao Brasil, nação que se gloria de seus sólidos laços com a Sé Apostólica e dos profundos sentimentos de fé e amizade que sempre a uniram de modo singular ao Sucessor de Pedro. Aprendi que para ter acesso ao povo brasileiro é preciso entrar pela porta do seu imenso coração. Por isso, permitam-me que, nesta hora, eu possa bater delicadamente a esta porta. Não tenho ouro nem prata, mas trago o que de mais precioso me foi dado: Jesus Cristo!”

## VISITA AO SANTUÁRIO DE APARECIDA

Enquanto o Papa descansava da longa viagem, o cardeal-arcebispo do Rio

de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, presidiu a missa de abertura da JM 2013, em Copacabana. No segundo dia da sua visita ao Rio de Janeiro, 24 de julho, o Papa mariano não pôde deixar de fazer uma visitinha à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, onde presidiu a celebração eucarística. Francisco havia visitado o santuário, em maio de 2007, como cardeal-arcebispo de Buenos Aires, por ocasião da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe.

Na homilia da sua primeira missa no Brasil, o Santo Padre dirigiu-se, de modo especial, aos jovens, com mensagens de esperança e alegria:

“Hoje, eu quis vir aqui para suplicar a Maria, nossa Mãe, o bom êxito da Jornada Mundial da Juventude, e colocar aos seus

ARQUIVO COL





ARQUIVO COL



pés a vida do povo latino-americano. (...) Gostaria de chamar a atenção para três simples posturas: conservar a esperança; deixar-se surpreender por Deus; viver na alegria. Queridos amigos, viemos bater à porta da casa de Maria. Ela abriu-nos, fez-nos entrar e nos aponta o seu Filho”.

#### VISITA AO HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Voltando ao Rio de Janeiro, Francisco visitou o Hospital São Francisco de Assis, um centro de recuperação de dependentes químicos administrado pela Associação São Francisco de Assis na Providência de Deus, onde exortou os presentes a seguir o exemplo de São Francisco.

O Papa que adotou o nome de Francisco recordou a missão de São Francisco de Assis: “Quis Deus que meus passos, depois do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, se dirigissem para um particular santuário do sofrimento humano, que é o Hospital São Francisco de Assis. É bem conhecida a conversão do Santo Patrono de vocês: o jovem Francisco abandona riquezas e comodidades para fazer-se pobre no meio dos pobres, entende que não são as coisas, o ter, os ídolos do mundo a verdadeira riqueza, e que estes não dão a verdadeira alegria, mas sim seguir a Cristo e servir aos demais; mas talvez seja menos conhecido

o momento em que tudo isto se tornou concreto na sua vida: foi quando abraçou um leproso”.

#### COMUNIDADE DE VARGINHA

Em seguida, o Bispo de Roma visitou a comunidade de Varginha, no bairro de Manguinhos.

Muitos moradores da comunidade e amigos destas pessoas chegaram pela madrugada para se posicionar em bom local e ter a oportunidade de ver o Pontífice. Ao chegar na comunidade, o Papa foi acolhido pelo pároco da comunidade, padre Márcio Queiroz, depois visitou a pequena Igreja de São Jerônimo Emiliani.

Visivelmente comovido e à vontade em meio aos moradores, o Papa dirigiu palavras de afeto, além de dar abraços e bênçãos por onde passava. Chegou até a entrar em uma igreja evangélica e em uma das casas da comunidade.

Ao chegar em um campo de futebol, uma multidão o aguardava. Ao subir no palco, foi aplaudido e aclamado pelos moradores locais.

Queria bater em cada porta, dizer bom dia, pedir um copo de água fresca, beber um cafezinho, falar como amigos de casa, ouvir o coração de cada um – dos pais, dos filhos, dos avós... Mas o Brasil é tão grande! Não é possível bater em todas as portas! Então, escolhi vir aqui,

ARQUIVO COL



ARQUIVO COL



visitar a comunidade de vocês que, hoje, representa todos os bairros do Brasil”, disse Papa Francisco.

#### ACOLHIDA EM COPACABANA

Maravilhosa e inesquecível a cerimônia de Acolhida do Papa, em Copacabana, por cerca de um milhão de jovens, que o receberam com cantos e apresentações artísticas diante das bandeiras de 175 países representados na JM Rio2013. Uma brasileira falou-lhe da fé do povo do norte ao sul do país e lhe ofereceu uma muda de pau-brasil, árvore nativa do país.

#### PAPA ATENDE CONFISSÃO DE CINCO JOVENS

No quarto dia, 26 de julho, o Pontífice

atendeu a confissão de cinco jovens, na Quinta da Boa Vista; encontrou oito menores infratores, dos quais recebeu uma cruz com a inscrição: “Candelária nunca mais” e o nome dos adolescentes mortos na Chacina da Candelária. Emocionado, o Papa repetiu: “Candelária, nunca mais! Violência nunca mais! Só amor!”

#### ÂNGELUS NO PALÁCIO SÃO JOAQUIM

À tarde, Francisco encontrou os fiéis no bairro da Glória, com os quais rezou a Oração do Ângelus. Na sua alocução mariana, dirigiu seu pensamento aos idosos e ao diálogo entre gerações.

“Na casa deles, veio ao mundo Maria, trazendo consigo aquele mistério extraordinário da Imaculada Conceição; na

ARQUIVO COL





JONAS PAVÃO



casa deles, cresceu, acompanhada pelo seu amor e pela sua fé; na casa deles, aprendeu a escutar o Senhor e seguir a sua vontade. São Joaquim e Sant'Ana fazem parte de uma longa corrente que transmitiu o amor a Deus, no calor da família, até Maria, que acolheu em seu seio o Filho de Deus e O ofereceu ao mundo, ofereceu-O a nós."

### VIA-SACRA COM OS JOVENS, EM COPACABANA

À noite, o Papa presidiu a Via-Sacra com os Jovens, em Copacabana. Nas encenações das estações foram tratados

temas da atualidade, como a defesa da vida, o problema das drogas, a violência que aflige a sociedade, entre outros.

Ao término da Via-Sacra, Francisco destacou a presença da cruz na vida dos cristãos, dizendo que "Jesus se une aos que estão em dificuldades, aos que sofrem, pois Ele acolhe todos, de braços abertos. Porém, os jovens devem ajudá-Lo a carregar a Cruz nas alegrias e sofrimentos".

O Papa Francisco também lembrou que a cruz está plantada em nossos corações: "O primeiro nome dado ao Brasil foi justamente o de Terra de Santa Cruz. A

Cruz de Cristo foi plantada não só na praia, há mais de cinco séculos, mas também na história, no coração e na vida do povo brasileiro e em muitos outros povos: o Cristo sofredor, sentimo-Lo próximo, como um de nós que compartilha o nosso caminho até o final. Não há cruz, por pequena ou grande que seja, da nossa vida que o Senhor não venha compartilhar conosco".

### MISSA COM OS BISPOS E RELIGIOSOS DO BRASIL

No quinto dia da sua visita ao Rio de Janeiro, 27 de julho, o Santo Padre celebrou missa na Catedral Metropolitana

para os bispos e religiosos do país, durante a qual convidou os presentes a refletir sobre as vocações.

### THEATRO MUNICIPAL

Depois, no Theatro Municipal, abordou a importância do 'diálogo construtivo' nos desafios da sociedade atual. Representantes indígenas fizeram apresentação e ofereceram ao Pontífice um cocar, que ele o colocou, imediatamente, na cabeça, e foi aplaudido pelos presentes.



O Papa concluiu seu discurso dizendo: "A fraternidade entre os homens e a colaboração para construir uma sociedade mais justa não são um sonho fantasioso, mas o resultado de um esforço harmônico de todos em favor do bem comum. Encorajo os senhores neste seu empenho em favor do bem comum, que exige da parte de todos sabedoria, prudência e generosidade".

### VIGÍLIA DE ORAÇÃO

Na Vigília de Oração, a incumbência aos jovens de liderar as mudanças na sociedade.

Por fim, o ponto alto do dia, foi a Vigília de Oração, em Copacabana, da qual tomaram parte cerca de três milhões de peregrinos. Em discurso, o Papa disse que os jovens devem liderar as mudanças na sociedade. Ali, os jovens passaram a noite em vigília. Muitos dormiram na Praia de Copacabana, já em vista da celebração da Missa de Envio, no dia seguinte.

Na ocasião, o Papa convidou os jovens a saírem às ruas para expressar seus desejos de uma civilização mais justa e fraterna. Os jovens querem ser protagonistas da mudança. Por isso, os animou, com base nos valores do Evangelho, a superar a apatia e a dar uma resposta cristã às inquietudes sociais e políticas.

"Queridos amigos, não se esqueçam: vocês são o campo da fé! Vocês são os atletas de Cristo! Vocês são os construtores de uma Igreja mais bela e de um mundo melhor".

O Pontífice sinalizou de como deve ser o protagonismo de uma civilização mais justa e fraterna: "O coração de vocês, coração jovem, quer construir um mundo melhor. Acompanho as notícias do mundo e vejo que muitos jovens, em tantas partes do mundo, saíram pelas estradas para expressar o desejo de uma civilização mais justa e fraterna. Os jovens nas estradas; são jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixem para outros o serem protagonistas da mudança! Vocês são aqueles

**Neste momento, já começo a sentir saudades. Saudades do Brasil, deste povo de grande coração, deste povo tão amoroso. Este Papa precisa da oração de todos vocês. Um abraço para todos e que Deus os abençoe.**



Do helicóptero, o olhar do Papa Francisco aos jovens que lotam a Praia de Copacabana

que têm o futuro! Vocês... Através de vocês, entra o futuro no mundo”.

#### MISSA DE ENVIO

No sexto e último dia de permanência no Rio de Janeiro, Francisco presidiu a celebração da Missa de Envio, que, devido ao mau tempo, foi transferida para a Praia de Copacabana, da qual participaram 3,7 milhões de peregrinos.

Em sua homilia, o Papa falou sobre a importância da evangelização dos jovens e a necessidade dos seus envol-

vimentos e compromentimentos com a Igreja: “Ide, sem medo, para servir. Sabem qual é o melhor instrumento para evangelizar os jovens? Outro jovem! Este é o caminho a ser percorrido por vocês!”

O Papa deixou claro aos jovens o caminho do serviço: “Três palavras: Ide, sem medo, para servir. Seguindo estas três palavras, vocês experimentarão que quem evangeliza é evangelizado, quem transmite a alegria da fé, recebe mais alegria. Queridos jovens, regressando

às suas casas, não tenham medo de ser generosos com Cristo, de testemunhar o seu Evangelho”.

Na conclusão, o Papa disse: “Na primeira leitura, quando Deus envia o profeta Jeremias, lhe dá o poder de «extirpar e destruir, devastar e derrubar, construir e plantar» (Jr 1,10). E assim é também para vocês. Levar o Evangelho é levar a força de Deus, para extirpar e destruir o mal e a violência; para devastar e derrubar as barreiras do egoísmo, da intolerância e do ódio; para construir um mundo novo.

Queridos jovens, Jesus Cristo conta com vocês! A Igreja conta com vocês! O Papa conta com vocês! Que Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, lhes acompanhe sempre com a sua ternura: «Ide e fazei discípulos entre todas as nações»”.

#### MEMORÁVEL ENCONTRO COM BISPOS DO CELAM

Na conclusão desta primeira Viagem Apostólica internacional do seu Pontifica-

do, o Papa Francisco manteve um encontro com 60 bispos latino-americanos, aos quais falou sobre os desafios da Igreja, a organização territorial das paróquias e dioceses. Depois, criticou os que usam o Evangelho em defesa de ideologias. Os missionários, disse, “devem ir não ao centro das cidades, mas às periferias”.

#### VOLUNTÁRIOS

Enfim, ao se despedir da Cidade Maravilhosa, o Papa teve encontro com os voluntários da JMJ do Rio, ao todo cerca de 15 mil, aos quais expressou sua gratidão:

“Vocês provaram que a maior alegria é dar do que receber. Peço-lhes que sejam revolucionários. Eu tenho confiança em vocês, jovens, e rezo por vocês. Tenham a coragem de ir contra a corrente e tenham a coragem de ser felizes”.

#### FRANCISCO DESPEDE-SE DO BRASIL

Assim, o Santo Padre concluiu suas atividades no Rio de Janeiro. E, antes de embarcar em avião para regressar ao Vaticano, despediu-se das autoridades, civis e religiosas, às quais disse:

“Neste momento, já começo a sentir saudades. Saudades do Brasil, deste povo de grande coração, deste povo tão amoroso. Este Papa precisa da oração de todos vocês. Um abraço para todos e que Deus os abençoe”.



ARQUIVO COL



## Um Papa que roubou o coração do mundo

**D**esde a última segunda-feira da Oitava de Páscoa, o mundo entrou em luto e clima de consternação. Não é exagerada tal afirmação, pois a morte do Papa Francisco causou grande comoção a todos os corações de boa vontade, independentemente de religiosidade. Até aqueles que não têm fé lamentam e reconhecem a importância do legado de seu pontificado para a Igreja e o mundo.

Francisco, que em 7 de abril de 2014, ao comentar sobre sua primeira viagem internacional ao Rio de Janeiro por ocasião da Jornada Mundial da Juventude 2013, disse: "Porém, ao término daquela semana, voltando a Roma, cheio de saudades, dei-me conta de que os cariocas são uns 'ladrões'! Sim, 'ladrões', pois roubaram o meu coração!", mau sabia que, na verdade, ele começava a roubar o coração, não somente dos cariocas e demais brasileiros, mas o coração do mundo inteiro. Esta colocação carinhosa do Sumo Pontífice refletia sua personalidade bem-humorada e espirituosa, que cativou o mundo, desde os mais poderosos chefes de Estado, que agora decretam luto oficial em suas nações, até os mais pobres, que ocuparam a centralidade do seu pontificado.

A cada momento da história, o Espírito Santo concede o Pontífice de que precisa a Igreja para o bem de toda a Humanidade. Neste sentido, desde a escolha do nome, passando pelos seus atos de governo e estilo pessoal, Francisco foi um Papa apropriado a este começo de século, em que o mundo sente necessidade de pautar questões como: desigualdade social, corrupção, meio ambiente, espaço da mulher na sociedade, imigração, questões de gênero, paz entre as nações, dentre outras; mas carece de lideranças que possam apresentar reflexões e conduzir o debate de maneira razoável, sem condicionamentos ideológicos.

Francisco não era propriamente um homem intelectual. Mas um homem prático com incrível sensibilidade de coração às questões de nosso tempo. Talvez, porque ele mesmo tenha passado por experiências que o inseriram nestas questões. Nascido numa família de imigrantes italianos, Papa Francisco era oriundo de um país socialmente desigual e cheio de injustiças, em boa



Cônego Valtemario Frazão cumprimenta o Papa Francisco durante Audiência Geral, na Praça de São Pedro, em 2018

parte consequentes de um sistema político e financeiro corrupto, algo muito comum nos países da América Latina, o que torna a política destes países bastante instável e a sociedade extremamente desigual, em que alguns poucos desfrutam de enormes fortunas, enquanto a grande maioria da população vive de forma precária e injusta. E esta é apenas a ponta do iceberg de uma corrupção endêmica no continente latino-americano, que vigora e afeta amplamente as instituições. Bergoglio sentiu isto muito fortemente na Argentina: viveu os efeitos do peronismo e o peso do caudilhismo latino-americano, passou pelas ditaduras peronista e militar. De modo que toda esta realidade conturbada apelou ao seu coração de pastor, tornando-o ainda mais próximo do povo sofrido. Nunca foi bispo palaciano, encastelado no palácio episcopal e distante da realidade de seus arquidiocesanos. Muito pelo contrário, era assíduo às comunidades da periferia de Buenos Aires, usava transporte público, muito facilmente era encontrado junto aos pobres. Talvez tenha sido esta rica experiência de encontro e proximidade que o levou a tanto insistir em expressões como "Igreja em saída", "periferias existenciais" e "cultura do encontro". Pois conheceu com propriedade as agruras do povo sofrido, assim como também as raízes de tantas formas de opressão e injustiças sociais.

Ainda como cardeal de Buenos Aires, em um livro seu de 2005 intitulado "Corrupção e Pecado", Jorge Mario Bergoglio afirmou que "situação de pecado e estado de corrupção são duas realidades diferentes, embora intimamente entrelaçadas". Mas aí ele explica que pecado se perdoa, ao passo que a corrupção não pode ser perdoada, pois diante de Deus misericordioso e sempre disposto a perdoar, a autossuficiência do corrupto se torna um bloqueio que o impede de se arrepende e pedir perdão a Deus.

Já bispo de Roma, no prefácio da obra "Corrosão – Combater a Corrupção na Igreja e na Sociedade", do Cardeal Turkson, Francisco escreveu muito assertivamente contra a corrupção, chegando a afirmar: "Um pecador pode pedir perdão, um corrupto esquece-se de pedi-lo. Por quê? Porque já não tem necessidade de ir longe, de procurar pistas para além de si mesmo; está cansado, mas saciado, cheio de si. Com efeito, a corrupção tem a sua origem num cansaço da transcendência, como a indiferença".

Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco insistiu constantemente em abordar o tema da corrupção, não perdendo uma única oportunidade de fazê-lo, como o fez em um tweet seu do dia 09/12/2019, Dia Internacional Contra a Corrupção, em que ele afirmou: "A corrupção degrada a dignidade da pessoa e destrói bons e belos ideais. A sociedade é chamada a se comprometer especificamente a combater o câncer da corrupção que, com a ilusão de ganhos rápidos e fáceis, realmente empobrece a todos".

Todavia, muito lúcido e sem querer tapar o sol com a peneira, Papa Francisco sempre foi muito consciente de que a corrupção não está apenas fora da Igreja, mas nela se infiltra da forma mais sorradeira, apodrecendo corações e matando a fé. Talvez Francisco tenha considerado a corrupção como a mais grave chaga da Igreja, até mais que os escândalos de abusos sexuais, também monstruosos e inadmissíveis. Pois, "a corrupção substitui o bem comum por um interesse particular que contamina toda a perspectiva geral. Ela nasce de um coração corrupto e é a pior chaga social, porque gera gravíssimos problemas e crimes que envolvem todos" (in Corrosão – Combater a Corrupção na Igreja e na Sociedade). Ainda no referido prefácio da obra do Cardeal Turkson, o Santo Padre recorda a afirmação

de Henri de Lubac, segundo a qual, o maior perigo para a Igreja é a mundanidade espiritual, portanto, a corrupção, que é mais desastrosa que a lepra infame.

De fato, não há como negar o que foi acima exposto. A corrupção na Igreja é a mundanidade espiritual, que gera hipocrisia, indiferença, insensibilidade para com quem mais sofre e até a falta de fé. Consequências gravíssimas, criminosas que expõem a degradação de um coração corrompido pelo dinheiro e pelo poder.

Entretanto, o Papa Francisco não ficava apenas nas duras críticas e condenações à corrupção. É dele mesmo que vem o exemplo de uma vida simples e abnegada. E ainda a determinação de normas concretas e precisas que impõem um forte combate à corrupção na Igreja, sendo intolerante e até mesmo implacável com atos de corrupção, como desvios e má utilização dos recursos eclesiais. Haja vista o expressivo número de bispos e de até cardeais destituídos de seus ofícios, ou pelo menos levados a renunciá-los, para o bem da Igreja.

Francisco entra para a História como um Papa grande, que se voltou com radical dedicação para a cura de escandalosas chagas internas da Igreja, como corrupção, carreirismo e abusos sexuais; sem, contudo, descurar questões que mexem com a vida de toda a Humanidade, como meio ambiente, imigração, paz mundial, desigualdade social, dentre tantas outras. Um pai espiritual presente e atuante na vida de todos aqueles que se deixaram roubar o coração.

Que o Senhor ilumine os cardeais que elegerão um novo Romano Pontífice nos próximos dias, a fim de que, dóceis às inspirações divinas, elejam aquele que o Espírito Santo quer para a Igreja e o mundo de hoje.



## “Que nossa tristeza seja iluminada pela Ressurreição, e que possamos, como ele nos ensinou, caminhar com ternura, coragem e esperança.”

*Homilia da missa em sufrágio pela alma do Papa Francisco, presidida pelo Cardeal Orani João Tempesta, realizada no altar da Cátedra de São Pedro, na Basílica Vaticana, dia 25 de abril de 2025.*

Amados irmãos e irmãs,

Reunimo-nos hoje, nesta câmara-ar-dente, diante do corpo do Papa Francisco, não para encerrar uma era, mas para reconhecê-la viva. A morte do Sucessor de Pedro não é o fim de sua missão – é a sua semente lançada no coração da Igreja. Seus gestos, suas palavras, seus silêncios e sofrimentos, sua forma de pastorear com ternura e firmeza, tudo isso permanece. O legado de Francisco não se conclui aqui: ele prossegue na sinodalidade a que nos convocou, nos pobres a quem se deu, nos caminhos de misericórdia que abriu e, sobretudo, na conversão do coração que ele sempre nos pediu, nas obras que iniciou e que agora fazem parte da própria Igreja. Sua vida se fez Evangelho, e o Evangelho não morre. Ele é eterno.

Na Primeira Leitura dos Atos dos Apóstolos, vemos Pedro, repleto do Espírito Santo, proclamar com ousadia que “não há salvação em nenhum outro, pois

não existe debaixo do céu outro nome dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos” (At 4,12). Francisco, como sucessor de Pedro, também foi esse anunciador firme e humilde do único Salvador. Em tempos de confusão e desânimo, ele nos ensinou a manter os olhos fixos em Jesus, o único nome que cura, liberta e salva. O mesmo Pedro que um dia fraquejou, hoje testemunha com coragem. E Francisco, em sua fragilidade assumida com verdade, foi também um pastor corajoso, que não temeu ir às periferias e clamar por justiça, paz e conversão.

No Evangelho segundo São João (Jo 21,1-14), lemos o comovente relato do Ressuscitado junto ao lago de Tiberíades. Os discípulos, desorientados, voltam a pescar – e é ali, no cotidiano, que Jesus os encontra. Francisco sempre nos ensinou a buscar o Senhor na vida real, nas margens, nas dores concretas do povo. Como Jesus naquele amanhecer, ele acendeu fogueiras na praia do mundo, preparou pão sobre brasas para os famintos da fé, e nos chamou à comunhão fraterna. Ele não quis uma Igreja distante e moralista, mas uma Igreja próxima e cuidadora. Foi junto aos pobres e abandonados que reconheceu o rosto de Cristo.

Quando Jesus diz: “Lançai a rede à direita da barca e achareis” (Jo 21,6), recordamos que a missão exige confiança e escuta. Francisco foi mestre em escutar: os jovens, os idosos, os descartados, os que sofrem em silêncio. Ele nos ensinou a lançar redes mesmo quando não vemos resultados, a confiar na voz do Ressuscitado mesmo nos desertos da fé. E, como Pedro, também ele ouviu o discípulo amado dizer: “É o Senhor!” (Jo 21,7). Francisco soube reconhecer o Senhor em tudo, até nos gestos mais simples, até nas lágrimas.

Hoje, celebramos sua páscoa pessoal. A barca de Pedro perde seu timoneiro terreno,

mas ganha um intercessor na eternidade. A fogueira acesa na praia do mundo não se apaga. A voz que clamou por uma Igreja mais misericordiosa não silenciárá. Porque quem viveu à luz da ressurreição, como Francisco viveu, continua iluminando mesmo após a partida. Que ele descansa no abraço do Ressuscitado e que nós, inspirados por sua vida, continuemos lançando as redes à palavra do Senhor.

A obra que ele começou – de uma Igreja sinodal, samaritana, ecológica, fraterna – continua. Nós, discípulos e discípulas do Ressuscitado, caminhamos sustentados por aquilo que ele deixou: uma Igreja mais próxima, mais humana, mais parecida com o Cristo que ele tanto amou.

Que esta celebração, marcada pela dor da partida, seja também um ato de fé pascal. Que nossa tristeza seja iluminada pela Ressurreição, e que possamos, como ele nos ensinou, caminhar com ternura, coragem e esperança. Francisco, pastor

bom e fiel, descansa agora no Senhor. E nós seguimos, como Igreja viva, testemunhando aqu’Ele que Francisco jamais deixou de anunciar: **Jesus Cristo, o rosto da misericórdia do Pai.**

Amém.

ORANI JOÃO, CARDEAL TEMPESTA, O. CIST.  
ARCEBISPO METROPOLITANO DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

